

**CALA
A
BOCA
JÁ
MORREU!**

ANA TEIXEIRA

LEITURA E COLETA DE TEXTOS

SILENCIAMENTO FEMININO NO ACERVO
DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO GRÁFICO

Cachimbo Ensaios Gráficos

PRODUÇÃO

NU Projetos de Arte

TEXTO CRÍTICO

Galciani Neves

REVISÃO:

Hellen Suzuki

TIRAGEM

3

FAMÍLIA TIPOGRÁFICA

Heebo

PAPEL

Off-set 90g

IMPRESSÃO

Pigma

www.anateixeira.com

[@anateixeira.arte](https://www.instagram.com/anateixeira.arte)

CALA A BOCA JÁ MORREU!

ANA TEIXEIRA

LEITURA E COLETA DE TEXTOS

SILENCIAMENTO FEMININO NO ACERVO
DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

O silêncio é o que permite que as pessoas sofram sem remédio, o que permite que as mentiras e hipocrisias cresçam e floresçam, que os crimes passem impunes. Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres.

REBECCA SOLNIT.

A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos. P. 28.

CALA A BOCA JÁ MORREU!

Esta coleta é parte de um processo iniciado em 2019, quando criei a ação CALA A BOCA JÁ MORREU! na qual, como mulher, artista, feminista e porosa à esfera pública da cidade, decidi oferecer uma escuta ativa às mulheres. Em espaços urbanos como ruas, praças e outros ambientes de convivência, abordei e conversei com mulheres, individualmente ou em grupo, a partir da pergunta: “O que você não quer mais calar?”. Desses diálogos foram recolhidas frases que explicitam as demandas e os desejos dessas mulheres. Em seguida, fotografei cada uma com um cartaz contendo suas respostas.

Cento e uma mulheres foram fotografadas em São Paulo e na cidade de Colônia, na Alemanha, para onde viajei a convite da universidade local. Interessava-me confrontar as realidades das mulheres dessas duas cidades e, para minha surpresa, elas se mostraram muito semelhantes. Grande parte das fotos foi transformada em desenhos que, entre 2019 e 2020, foram expostos no Centro Universitário Maria Antonia e no MAB-FAAP – Museu de Arte Brasileira, ambos em São Paulo.

Em 2021, o trabalho se desdobrou em uma intervenção sonora e visual na Biblioteca Mário de Andrade. Nos vidros da fachada foi estampada a frase “Cala A Boca Já Morreu!” e no jardim externo foram instaladas caixas de som que ecoavam as frases daquelas mulheres que conversaram comigo, entoadas pelas vozes de outras cento e uma mulheres cis, trans e travestis convidadas. As gravações aconteceram durante a pandemia de Covid-19, que nos isolou em nossas casas e fechou equipamentos culturais, como a biblioteca.

Paralelamente à intervenção na fachada, realizei a coleta, aqui apresentada, no acervo da biblioteca, naquele momento com acesso restrito ao público. Esta teve como foco livros de temática feminista escritos por mulheres, dos quais foram retirados trechos que abordam o silenciamento feminino. O tema foi tratado por mim de maneira ampla, pensando “silenciamento” como todas as formas de invisibilidade e controle impostas às mulheres historicamente, tanto no âmbito social quanto no privado. Como o acervo da biblioteca é muito extenso, fez-se necessário um recorte temporal, abarcando livros publicados entre 2010 e 2020.

Esses excertos são mostrados nesta publicação, que conta, também, com um texto crítico de Galciani Neves, curadora de minha exposição individual “É tarde, mas ainda temos tempo”, de 2019, na qual este trabalho se iniciou.

A lista inicial de livros era composta de trinta e um títulos, dos quais vinte e seis continham material de interesse da coleta. Os livros foram lidos entre maio e julho, e

essas leituras me proporcionaram um mergulho na história do feminismo, da origem do patriarcado e do papel do capitalismo na construção das mulheres que somos, as quais, em pleno século 21, ainda lutam pelo direito de não serem silenciadas.

Este volume foi doado à biblioteca e pode servir como um índice remissivo sobre o tema, a ser consultado pelos visitantes. Porém, mais do que isso, esta publicação é uma compilação de denúncias sobre variados tipos de opressão a que nós mulheres fomos submetidas durante os últimos séculos. Espero que esses trechos possam despertar a atenção para diversas discriminações cotidianas que passam despercebidas, mas que, se notadas, podem ser estopim para uma reflexão tardia, porém sempre necessária, sobre os possíveis caminhos para uma ruptura com as estruturas patriarcais que, ainda atualmente, se empenham na manutenção do silenciamento e do apagamento das mulheres nos mais diversos âmbitos da vida.

na carne no atrito

na voz¹

Disseram que são mudas as palavras. Inspeccionaram, submeteram, censuraram. Passaram-nas para o “ali, não sei onde”, para que não incomodassem, para que não criassem ruídos no que importa. Também cortaram, deram de ombros, nomearam como nada para se ouvir. Categorizaram como “anônimo”, apenas uma autoria sem vestígio, algo que talvez, em uma sobra de tempo, valesse a pena refazer para que, quem sabe, atribuam quando lhes for conveniente o estatuto de palavra escrita, dita e lavrada. Vale quem fala. Vale porque afirma e confirma um gênero, este projeto e atitude de uma sociedade patriarcal. Os sujeitos dessas ações? Eles, masculino e plural, que engloba a todos (?). Assim mesmo, segundo a norma culta da língua que nos foi imposta para ser a nossa: generalizante, como uma espécie de tudo cabe onde uns são mais vistos, ouvidos, aclamados, lidos e protagonistas que outras, que outres, que outrxs, que nós.

Na arte, na política, nas pesquisas que mudam os rumos da humanidade, na liderança das descobertas, os grandes feitos trazem consigo as marcas dessa segregação e os signos de uma destinação que constroem os degraus para que alguns poucos sejam dignos de uma escalada fácil ao olimpo, a verbalizar, vociferar, esbra-

vejar seu poderio. E emudecem “o resto”. Pois é aí, no resto, onde despejaram tantas corpas, onde tantas vidas foram reprimidas, que se energiza uma horda de revolucionárias. Nesse quase lugar nenhum, elas erguem-se, inspiram-se em réstias de mundo e desenham turbulências nas estruturas de poder. Plantam-se e fazem brotar justiça, equidade e engajamento em tudo que importa para viver dignamente, livremente e desejanamente.

É nesse campo de imaginação construtiva de outros possíveis que Ana Teixeira chama à convivência, à reflexão, ao encontro. Em sua trajetória, Ana atenta-se à significação e ação da palavra: como forma sensível de compartilhamento de questões de luta, como decifração de mundos e modos de existir, como semente que se frutifica pluridimensionalmente em quem as joga, no vento, na terra e em quem seus frutos se endereçam. A palavra nos trabalhos da artista é matéria, procedimento e espaço, se inscrevendo em pronúncias de corpas e na potência de linguagem de corpas.

Estamos diante de uma compilação de inscrições, de pronúncias, de labutas de linguagem. “O que não se quer mais calar”, como perguntou Ana, foi constituído em linhas tortuosas e/ou bem arquiteta-

das entre as lamúrias do viver e passou a habitar em relatos e em exercícios críticos de vinte e seis autoras selecionadas pela artista. São palavras que atuam como conversas e seguem se transformando, enquanto carregam os rastros dos muitos espaços que ocuparam: da concentração conquistada na escrivadinha, da folha de papel amarrotada que resistiu às intempéries do dia, da anotação incompleta rabiscada quando sobrou tempo, do texto expurgado, apesar da vida que urge e não dá tréguas, do livro que guarda o cheiro de tinta, das mãos de quem os encadernou, das livrarias, do bolso de quem mal podia pagar pelo objeto livro, das bibliotecas tão excludentes que foram forçadas a abrir as portas, das corpas de quem folheou o volume pela primeira e de quem folheou pela última vez, embora acreditando não merecer ler nem estar ali, diante de tanto.

Junto a você, querendo ser conversa e atravessar também o seu cotidiano, presentificam-se um tanto dos ares destes lugares, um tanto da pulsação das pessoas em estado de trabalho e leitura. Ana leu e tocou todos eles, desenhou grifos, repousou os olhos por entre seus rios de palavras, sentiu-se arrebatada por suas autoras e suas escrituras. Agora, Ana compartilha excertos da escrita destas muitas autoras que têm como método e, ao mesmo tempo, tarefa a sobrevivência, a resistência, a transformação do contexto político. Uma escrita, como nos diz Gloria Anzaldúa, que salva da complacência que amedronta, como um gesto do qual não se pode fugir nem se omitir:

“Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever”².

Ana desloca e faz ressoar palavras, as faz ousar outros voos, propondo outros acessos. Trata-se de uma prática de

leitura que é também incorporação de discursos, de experiências, de gestos de luta. Trata-se de um exercício de aliar-se e enfatizar em outro contexto os muitos regimes de pensamento que recusam as lógicas patriarcais que avançam em nossas vidas. Trata-se, portanto, de seguir enunciando um vocabulário de ações de enfrentamento e de combate às violências que nos aplacam.

A publicação que Ana propõe para a Biblioteca Mario de Andrade revela-se em sua brava multidão de autoras como um conjunto de saberes e de experiências que reordenam histórica, cultural e politicamente as relações entre o dizível e o visível, entre o que encaramos como política e poética, entre os nossos posicionamentos afetivos e emancipatórios, e muito da complexidade que envolve as performatividades feministas (são tantas e tantas!). Compõe um dizer coletivo que nos chama a construir elos de confiança, de sororidade; que nos convoca a soltar a língua, o verbo, a corpa toda, a nos infiltrar e destituir normatividades vigentes; que nos instiga a manifestar juntas, juntas, juntxs e com coragem as forças de um devir mulher. E quando você, por acaso, dedilhar os tombos da biblioteca e se deparar com esta publicação, saiba que, aqui, estamos todas, todes, todxs nós em uma conversa infinita, polifônica, alardeando para muitos lados e conjugando os trechos recolhidos dos livros que ainda gritam o óbvio e ecoam o que o pixo da Rua da Consolação nos sussurra: “Viva o tempo todo pela sua voz”.

1. Verso do poema “Terra prometida”, de Flávia Péret, publicado pela editora Urutau, em 2019.

2. ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (org.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table, 1981 p. 165-74.

A. KOLLONTAI

GRAZIELA SCHNEIDER
(ORG.)

TOMBO N. 110248

9

A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas panfletos, ensaios, 2017

P. 53

Texto de 1908

Graças ao domínio de um sexo sobre o outro nas sociedades contemporâneas, existe um olhar desigual no que se refere às necessidades sexuais de homens e mulheres. A satisfação do instinto sexual dos primeiros é considerada tão primordial que a eles se concede o direito de saciá-lo como for. Já no caso das mulheres, exige-se que elas saciem seu instinto sexual apenas no casamento. (...) A educação e a pressão do senso comum ensinaram as mulheres jovens a refrear seu instinto sexual e a satisfazê-lo só em determinadas condições. Esses mesmos fatores não fazem nada parecido com os homens jovens. Por isso o desenvolvimento do instinto sexual masculino atingiu proporções monstruosas, e eles não sabem, em absoluto, como refreá-lo.

P. 135

Texto de 1908

A mulher permanece cruelmente atrás do homem no desenvolvimento de todas as próprias forças e capacidades. Não foi sua natureza, mas sua educação, formação, e, mais importante, as condições de exploração de seu trabalho que a trancafiaram no quarto das crianças e na cozinha, privando-a de participar amplamente e diferentes campos do trabalho social.

P. 161

Texto de 1913

As portas das organizações trabalhistas estavam amplamente abertas para as trabalhadoras, mas elas raramente entravam. Por quê? Porque a classe trabalhadora não entendeu de imediato que a mulher trabalhadora é o membro mais destituído de direitos, o mais desafortunado da classe. Que por séculos ela foi intimidada, acuada, perseguida (...). Os trabalhadores não perceberam imediatamente que, nesse mundo, de exploração e de falta de direitos, a mulher é oprimida não só como vendedora da força de trabalho, mas também como mãe e mulher.

P. 161

P. 163

Texto de 1913

Para as mulheres burguesas, os direitos políticos são apenas uma forma possivelmente mais cômoda e sólida de encontrar um lugar em um mundo construído sobre a exploração dos trabalhadores. Para as mulheres trabalhadoras, é um degrau da escada difícil e pedregosa que leva ao desejado reino do trabalho.

P. 197

Texto de 1919

Os anos de 1905 e 1906 foram aqueles em que as manifestações feministas tornaram-se especialmente abundantes. As trabalhadoras participavam delas de bom grado. Elas ouviam com atenção a voz das burguesas que lutavam pela igualdade de direitos, mas o que elas ofereciam às trabalhadoras não atendia às necessidades atuais das escravas do capital e, portanto, não encontrava na alma destas uma resposta vivaz. As mulheres da classe trabalhadora sucumbiram sob o peso de condições insuportáveis de trabalho, da fome e da pobreza familiar. As suas demandas

mais imediatas eram as seguintes: redução da jornada de trabalho, salários mais elevados, tratamento humano por parte da administração das fábricas e indústrias, diminuição do controle policial, mais liberdade de iniciativa. Nenhuma delas era contemplada pelo feminismo burguês.

Mulheres, cultura e política, 2017.

P. 45

Embora haja entre a maioria das mulheres um medo difuso de ser estuprada, muitas sentem, ao mesmo tempo, que não se trata de algo que realmente pode acontecer com elas. Ainda assim, uma em cada três mulheres será agredida sexualmente ao longo da vida, e uma em cada quatro meninas será estuprada antes de completar dezoito anos. Apesar dessas estatísticas alarmantes, a incidência da condenação de estupradores é de apenas 4% – e tais condenações representam apenas um percentual insignificante dos estupros que são de fato reportados.

P. 51

Nunca conseguiremos ir além do primeiro passo na eliminação da horrorosa violência cometida contra mulheres em nossa sociedade se não reconhecermos que o estupro é apenas um elemento na complexa estrutura de opressão das mulheres.

Mulheres, raça e classe, 2017.

P. 20

P. 21

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar.

Uma vez que as escravas eram classificadas como “reprodutoras” e não como “mães”, suas crianças podiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas.

P. 21 Obviamente, os proprietários buscavam garantir que suas “reprodutoras” dessem à luz tantas vezes quantas fosse biologicamente possível. Mas não iam tão longe a ponto de isentar do trabalho na lavoura as mulheres grávidas ou as mães com crianças de colo. (...) as mulheres deixavam seus bebês aos cuidados de crianças pequenas ou de escravas mais velhas (...). Impossibilitadas de amamentar ao logo do dia, elas suportavam a dor causada pelo inchaço das mamas.

P. 36 **O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros.**

P. 45 Uma consequência ideológica do capitalismo industrial foi o desenvolvimento de uma ideia mais rigorosa de inferioridade feminina. De fato, parecia que quanto mais as tarefas domésticas das mulheres eram reduzidas, devido ao impacto da industrialização, mais intransigente se tornava a afirmação de que “o lugar da mulher é em casa”.

P. 45 O lugar das mulheres era mesmo em casa – mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado que o de seus companheiros. Quando a produção manufatureira se transferiu da casa para a fábrica, a ideologia da feminilidade começou a forjar a esposa e a mãe como modelos ideais. No papel de trabalhadoras, ao menos as mulheres gozavam de igualdade econômica, mas como esposas eram destinadas a se tornar apêndices de seus companheiros, serviçais de seus maridos.

P. 232 (...) as mulheres negras nunca tiveram como foco central de sua vida as tarefas domésticas. Elas escaparam, em grande medida, ao dano psicológico que o capitalismo industrial impôs às donas de casa brancas de classe média, cujas supostas virtudes eram a fraqueza feminina e a submissão da esposa.

As mulheres negras dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram que se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver.

P. 233 As mulheres negras, entretanto, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram e pela relativa independência de que gozavam. Embora raramente tenham sido “apenas donas de casa”, elas sempre realizaram tarefas domésticas. Dessa forma, carregaram o fardo duplo do trabalho assalariado e das tarefas domésticas – um fardo duplo que sempre exige que as trabalhadoras possuam a capacidade de perseverança de um Sísifo.

P. 244 A abolição das tarefas domésticas enquanto responsabilidade privada e individual das mulheres é claramente um objetivo estratégico da libertação feminina. Mas a socialização das tarefas domésticas – incluindo o preparo das refeições e o cuidado das crianças – pressupõe colocar um fim ao desejo de lucro sobre a economia. Os únicos passos significativos na direção da eliminação da escravidão doméstica foram dados, de fato, pelos países socialistas atuais.

P. 13

(...) todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens. Isso não desculpa ou justifica a dominação masculina; isso significa que seria inocência e equívoco de pensadoras feministas simplificar o feminismo e enxergá-lo como se fosse um movimento de mulher contra homem.

P. 20

Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura "cristã", multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico. Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que as mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente na casa ou não.

P. 34

P. 35

(...) como mulheres fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. **O pensamento sexista nos fez julgar e punir duramente umas às outras.**

P. 37

Enquanto mulheres, principalmente as brancas privilegiadas (...), começaram a adquirir poder social sem abrir mão do sexismo internalizado, as divisões entre as mulheres se intensificaram.

O feminismo é para todo mundo:
políticas arrebatadoras, 2019.

P. 41 **(...) a maioria de nós foi socializada por pais e mães e pela sociedade para aceitar pensamentos sexistas.**

P. 44 (...) simplesmente ser vítima de um sistema explorador e opressor e até mesmo resistir a ele não significa que entendemos por que ele existe e como mudá-lo.

P. 46 A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades estão sendo formadas. E, com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre gênero continuam sendo a norma nos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos.

P. 50 Vários de nós somos as crianças não planejadas de mulheres talentosas e criativas cuja vida foi mudada por uma gravidez não planejada ou indesejada. Nós testemunhamos a amargura, a raiva, a frustração com sua situação de vida. E estava claro para nós que não poderia haver qualquer libertação sexual genuína para mulheres e homens sem melhores e mais seguros métodos contraceptivos – sem o direito ao aborto seguro e legal.

P. 52 Hoje sabemos que tanto repetidos abortos quanto o uso prolongado de pílulas anticoncepcionais com alto nível de estrogênio apresentam riscos. Ainda assim as mulheres estavam dispostas a se arriscar para ter liberdade sexual – para ter o direito de escolha.

(...) frequentemente chamaram atenção para um sistema médico patriarcal capitalista dominado por homens, que controlava o corpo das mulheres e fazia com elas qualquer coisa que quisesse fazer.

P. 53 **Uma multidão de mulheres pobres e da classe trabalhadora perde acesso ao aborto quando não há subsídio do governo disponível para direitos reprodutivos no sistema de saúde.**

P. 54 Se as mulheres não têm o direito de escolher o que acontece com nosso corpo, arriscamos renunciar direitos em outras áreas da vida.

P. 57 Antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens.

P. 58 **Inicialmente, investidores capitalistas da indústria de cosméticos e moda temiam que feministas fossem destruir seus negócios. Financiaram campanhas na mídia de massa que banalizava a libertação da mulher, criando imagens que sugeriam, que feministas eram grandes, hipermasculinas, simples, velhas feias.**

P. 67 (...) somente mulheres privilegiadas tiveram o luxo de imaginar que trabalhar fora de casa iria realmente proporcionar ganho suficiente para permitir que fossem economicamente autossuficientes. As mulheres da classe trabalhadora já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las.

P. 74 Quando mulheres que têm poder de classe utilizam, oportunamente, uma plataforma feminista e ao mesmo tempo enfraquecem as políticas feministas, ajudando a manter intacto o sistema patriarcal que irá ressubordiná-las, elas não apenas traem o feminismo, elas traem a si mesmas.

P. 81 A ênfase no trabalho como chave para a libertação das mulheres levou várias ativistas feministas brancas a sugerir que mulheres que trabalhavam “já eram livres”. Na verdade, elas diziam para a maioria das mulheres trabalhadoras “o movimento feminista não é para você”.

P. 82 Sabemos, sem dúvida, que se uma mulher é economicamente autossuficiente, ela é mais propensa a terminar um relacio-

namento cuja norma seja a dominação masculina, quando escolhe libertação. Ela sai do relacionamento porque pode. Várias mulheres aderem ao pensamento feminista, escolhem a libertação, mas são economicamente presas a homens patriarcais, de maneira que sair do relacionamento se torna difícil, senão impossível.

P. 83

Quando falamos em autossuficiência como libertadora em vez de trabalho, precisamos dar o próximo passo e falar sobre qual tipo de trabalho é libertador. Claramente, empregos com melhor remuneração e horários flexíveis tendem a oferecer mais liberdade à trabalhadora.

P. 84

Quando as mulheres, em casa, dedicam todo o tempo a atender às necessidades dos outros, o lar é local de trabalho para ela, não é local de relaxamento, conforto e prazer.

P. 85

O foco do feminismo na construção da carreira, em mulheres com empregos bem remunerados, não somente alienou uma multidão de mulheres do movimento feminista como também permitiu que ativistas feministas ignorassem o fato de que o aumento da entrada de mulheres burguesas no mercado de trabalho não era sinal de que as mulheres como grupo estavam alcançando poder econômico. Se tivessem olhado para a situação econômica das mulheres pobres e da classe trabalhadora, teriam visto o crescente problema de desemprego e aumento da entrada de mulheres de todas as classes para o grupo das pobres.

P. 85

(...) retornar ao lar fundamentado na dominação masculina patriarcal em que os homens são provedores é a solução oferecida a mulheres por políticos conservadores, que ignoram a realidade do desemprego em massa.

P. 86

(...) autossuficiência econômica é necessária se mulheres quiserem ser livres para escolher o contrário da dominação masculina para serem totalmente autorrealizadas.

P. 87

(...) grande parte do poder de classe que grupos de mulheres de elite tem em nossa sociedade, principalmente aquelas que são ricas, é alcançado em detrimento de outras mulheres.

P. 88

Muitos homens culpam o trabalho das mulheres pelo desemprego, pela perda de identidade estável que ser visto como provedor patriarcal dava a eles, ainda que isso fosse ou ainda seja ficção.

P. 90

A visão utópica de sororidade evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas.

P. 94

Racismo e sexismo combinados criam barreiras nocivas entre mulheres. Até então, as estratégias feministas para mudar isso não foram muito eficientes.

P. 103

À medida que o pensamento feminista avançava, ativistas feministas intelectuais enxergaram que homens não eram o problema, que o problema era o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina.

P. 109

P. 110

Uma das maiores dificuldades que pensadoras feministas encravam quando confrontavam o sexismo na família era o fato de, com muita frequência, mães transmitirem o pensamento sexista. Mesmo nos lares onde não havia um pai presente, as mulheres ensinavam, e ensinam, pensamentos sexistas para as crianças.

P. 119

(...) homens sexistas insistiam sempre na ideia de que a maioria das feministas era lésbica, ou de que tudo o que qualquer mulher feminista precisava era de “uma boa trepada” para colocá-la em seu devido lugar.

P. 120

A prevalência de doenças que colocavam a vida em risco, como a aids, cuja tendência é ser mais facilmente transmi-

tida do homem para a mulher, em uma cultura patriarcal em que os homens são incentivados a mentir para as mulheres, ficou mais difícil para as mulheres heterossexuais escolherem ter variados parceiros. (...) dentro do patriarcado, várias mulheres feministas individuais descobriram que relacionamentos não monogâmicos simplesmente davam aos homens mais poder, enquanto enfraqueciam as mulheres. Enquanto as mulheres têm liberdade de escolher fazer sexo com homens que têm relacionamento com outra mulher, os homens com frequência não demonstram interesse sexual por mulheres que têm parceiros.

P. 121

Hoje em dia, tantos homens reconhecem que deveriam fazer trabalho doméstico, independentemente de fazerem ou não, que mulheres jovens não veem necessidade em falar da divisão de tarefas domésticas como uma questão; apenas aceitam isso como norma. Claro que a realidade é que jamais se tornou norma, tanto que, na maioria das vezes, mulheres ainda fazem a maior parte do trabalho doméstico e cuidam das crianças.

P. 122

Mais do que nunca, homens estão exercendo a paternagem, o que é uma consequência do movimento feminista, mas ainda não alcançamos nem mesmo um traço do que seria a equidade de gênero.

P. 123

O mundo do trabalho dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca tornou mais difícil para as mulheres ser mãe integralmente. De fato, essa realidade está levando mulheres que escolheriam investir na carreira a ficar em casa. Em vez do pensamento sexista sobre dominação masculina ser o fator que tira as mulheres do mercado de trabalho e as coloca de volta em casa, é o medo de que estejamos criando uma sociedade de crianças “sem pai e mãe” que faz isso. Várias mulheres pensam que carreiras competitivas deixam pouco tempo para construir relacionamentos amorosos. O fato de que ninguém fala em homens deixarem o trabalho para ser pais em tempo integral demonstra até que ponto o pensamento sexista sobre papéis prevalece. A maioria das pessoas em nossa sociedade ainda acredita que as mulheres são melhores na criação de filhas e filhos do que os homens.

P. 127

O pensamento sexista ensinado às mulheres desde o nascimento deixou claro que o domínio do desejo sexual e do prazer sexual era sempre e somente masculino, que apenas uma mulher de pouca ou nenhuma virtude diria ter necessidade sexual ou apetite sexual. Divididas pelo pensamento sexista entre o papel de madona e o de puta, as mulheres não tinham base para se construir sexualmente.

P. 128

Ainda vivemos entre gerações de mulheres que jamais souberam o que é prazer sexual, mulheres para quem o sexo somente significou perda, ameaça, perigo, aniquilação.

P. 134

No quarto, vários homens queriam uma mulher sexualmente desejosa disposta a dar e a compartilhar prazer, mas fundamentalmente não renunciavam ao pressuposto sexista de que a performance sexual dela (ou seja, se ela queria ou não ser sexual) deveria ser determinada pelo desejo deles.

P. 134

Até que todos os homens parem de acreditar que alguém além deles mesmos deve responder às suas necessidades sexuais, a exigência por parceiras subordinadas continuará.

P. 160

Ainda que a violência doméstica esteja abundantemente representada na mídia de massa e que em todas as frentes haja discussões, o público raramente conecta o fim da violência masculina ao fim da dominação masculina e à erradicação do patriarcado. A maioria dos cidadãos desta nação ainda não compreende a conexão entre dominação masculina e violência masculina em casa.

P. 163

Pessoas críticas ao feminismo culpam o movimento por toda a insatisfação que a mulher moderna encara. Nunca falam sobre o patriarcado, a dominação masculina, o racismo ou a exploração de classe.

P. 22

(...) enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas, que confessional e militarmente matam e deixam morrer, contrariando o discurso cristão elitista-branco de valorização da vida e contra o aborto – que é um direito reprodutivo.

P. 27

P. 28

Declaração do Coletivo
Combahee River, em
11.11.2013

ACREDITAMOS QUE A POLÍTICA SEXUAL SOB O PATRIARCADO É TÃO ONIPRESENTE NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS QUANTO AS POLÍTICAS DE CLASSE E RAÇA. TAMBÉM ACHAMOS, MUITAS VEZES, DIFÍCIL SEPARAR OPRESSÕES DE RAÇA, CLASSE E SEXO, PORQUE, NAS NOSSAS VIDAS, ELAS SÃO QUASE SEMPRE EXPERIMENTADAS SIMULTANEAMENTE. NÓS SABEMOS QUE EXISTE UMA COISA QUE É UMA REPRESSÃO SEXUAL-RACIAL QUE NEM É SOMENTE RACIAL, NEM SOMENTE SEXUAL, POR EXEMPLO, A HISTÓRIA DO ESTUPRO DAS MULHERES NEGRAS POR HOMENS BRANCOS COMO ARMA DE REPRESSÃO POLÍTICA.

Gênero e classe, 2017.
(Organizado por Alicia Sagra).

P. 19

A situação da mulher passou por inúmeras variações no decorrer do tempo e dos diversos tipos de sociedade existentes nas diversas épocas históricas. Isso confere ao estudo das primeiras sociedades humanas, feito, sobretudo, pela antropologia, fundamental importância para conhecer esse processo, porque ele comprova que a mulher não nasceu oprimida ou inferiorizada como acreditam muitas mulheres e como prega a ideologia burguesa.

P. 19
P. 20

(...) a opressão da mulher que foi surgindo nas diversas sociedades, não tinha como causa básica a constituição do corpo feminino, sua biologia, mas era fruto de determinadas relações sociais que se assentavam na divisão e na exploração de uns pelos outros. A capacidade que a mulher tem de procriar passou a ser vista como sinal de fraqueza e debilidade, pois essa ideia servia a um objetivo concreto: melhor explorar a mulher.

P. 20

Nas sociedades primitivas em geral, a única forma segura de traçar a linha de descendência dos seres humanos era a partir da mãe. (...) Sem outros mecanismos científicos para estabelecer a descendência de alguém, era preciso apelar para a maternidade. Só essa podia ser assegurada. Assim surgiu o chamado direito materno, que conferia à mulher um papel preponderante nas comunidades de então.

O surgimento do excedente, ou seja, da maior capacidade produtiva das sociedades, contraditoriamente incrementou a opressão e não o contrário. (...) Na medida em que avançavam a produtividade, tornava-se mais necessário aprimorar os métodos da defesa desse excedente. Isso deu a maior importância à esfera masculina na primitiva divisão do trabalho que existia entre homens e mulheres.

P. 20

A divisão de trabalho entre os sexos – a mulher controlava a produção dentro de casa e era proprietária dos objetos de trabalho doméstico; os homens atuavam fora do ambiente doméstico, controlando os meios de produção – não gerava, necessariamente, um antagonismo entre eles. (...) [Têm-se] mostrado que sociedades primitivas de caça e coleta revelavam bastante igualdade entre homens e mulheres, desfrutando estas de prestígio e desempenhando papéis de suma importância.

P. 21

O surgimento do excedente, que acabou dando origem historicamente ao Estado, aos privilégios e às classes sociais, transformou profundamente a situação das mulheres que se

viram, rapidamente, submetidas a uma realidade de subordinação. Essa subordinação era necessária para que os bens do homem ficassem em família. Isso liquida o sistema de parentesco baseado no direito da mãe, com o surgimento da monogamia, que, para Engels, significou “a derrota histórica do sexo feminino”.

P. 21

O advento da monogamia foi fruto, portanto, em primeiro lugar, de uma determinada condição material de vida e, apenas em segundo lugar, de uma crença ou de uma ideologia sobre a fragilidade feminina. A condição material (necessidade de assegurar o excedente) foi o que fez surgir inúmeras crenças sobre a inferioridade da mulher e seu papel subalterno na sociedade.

P. 22

[A história] mostra a conexão existente entre propriedade privada do excedente e sujeição da mulher, deixa claro como é fundamental o controle sobre a mulher e sua sexualidade num regime de propriedade privada. Intensifica-se a divisão sexual do trabalho: o trabalho produtivo da mulher concentra-se na produção de valores de uso, e o do homem, nos valores de troca. (...) a mulher passa a trabalhar para o marido e para os filhos, e o homem trabalha para a troca e a aquisição de propriedade.

P. 22

O capitalismo, com suas fábricas, acabou diluindo o papel do homem enquanto pai, substituindo-o pelo empresário, o dono das fábricas que, em última instância, passou a definir os papéis sociais, as obrigações de cada um dentro da nova divisão do trabalho. O papel do pai enquanto senhor da família, da mulher e dos filhos, paulatinamente perdeu importância diante do mercado de trabalho que agora ditava as regras da vida humana.

P. 22

Apesar das mulheres como trabalhadoras assalariadas participarem da produção social no âmbito coletivo e, com isso, adquirirem maior independência diante do homem, a sua opressão dentro do casamento monogâmico e da família

não só se manteve como foi agravada com o advento da indústria moderna. Aquele que poderia ter sido o passo decisivo para sua emancipação transformou-se, no capitalismo, em mais uma forma de opressão devido à superexploração das mulheres como mão de obra inferiorizada.

P. 26
P. 27

A origem da opressão da mulher está, portanto, ligada às transformações ocorridas nas relações humanas desde as primeiras sociedades de que se tem notícia.

As descobertas antropológicas permitem afirmar que a mulher não nasceu oprimida, mas passou a ser por inúmeros fatores, dentre os quais se destacam as relações econômicas, que depois determinaram toda a superestrutura ideológica de sustentação dessa opressão: as crenças, os valores, os costumes, a cultura em geral.

P. 28

Nas tribos nômades, era cada um por si. Nas agrícolas, a mulher passa a ser valorizada como reprodutora, mas nada indica que ela era controlada pelo homem. Tudo indica o contrário: que ela mesma controlava sua fertilidade. (...) A mulher adotava inúmeras formas de controle da natalidade.

P. 35

(...) as religiões cumprem um papel decisivo na manutenção e na propagação da ideia da mulher como sexo frágil e ser inferior, ajudando a mantê-la subjugada e oprimida.

P. 56

A situação social das mulheres se caracteriza pela desigualdade e, no fundo de qualquer um dos aspectos em que se manifesta essa desigualdade, está o trabalho, porque sua situação está relacionada diretamente com a forma como a mulher trabalhadora concilia sua condição de reprodutora do capital e de força de trabalho.

P. 62
P. 63

[A mulher negra] vista como um instrumento de prazer para o homem branco, ela suportou traumas e maus tratos. (...) Teve seus filhos gerados com os homens brancos

arrancados de seus braços e de seu convívio. Foi obrigada a amamentar os filhos das mulheres brancas (...). Foi tratada como animal de reprodução (...) obrigada a manter relações sexuais com o reprodutor da fazenda (...) para gerar outros escravos lucrativos para os senhores. Foi submetida ao trabalho forçado, ao analfabetismo. Foi confinada aos recantos mais obscuros da casa e obrigada a viver num ambiente de violência física e mental.

P. 75

Opressão feminina é desemprego, é prostituição, é degradação, é violência, é morte por aborto sem assistência médica, é tristeza, frustração, dor. Tudo isso tem um nome: capitalismo.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

TOMBO N. 108236

35

- P. 12 Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor e ponto final.
- P. 17 Permita-se falhar. (...) Não ache que precisa saber tudo.
- P. 18 O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar.
- P. 20 **Ao dizermos que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar. Não é.**
- P. 21 “Porque você é menina” nunca é razão para nada. Jamais.
- P. 22 **Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina. Cozinhar se aprende (...)** é uma habilidade que teoricamente homens e mulheres deveriam ter.
- P. 23 Também temos de questionar a ideia do casamento como um prêmio para as mulheres, pois é o que está na base de debates absurdos.
- P. 26 Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo seu potencial.
- P. 27 (...) pais e mães começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras.

Para educar crianças feministas:
um manifesto, 2017.

P. 28 Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.

P. 29 **A base para o bem-estar de uma mulher não pode se resumir à condescendência masculina.**

P. 30 Permitir e deixar, quando são usados unilateralmente – e em
P. 31 geral é apenas assim que são usados –, nunca deveriam fazer parte da linguagem de um casamento igualitário.

P. 33 (...) nosso mundo está cheio de homens e mulheres que não gostam de mulheres poderosas. Estamos tão condicionados a pensar o poder como coisa masculina que uma mulher poderosa é uma aberração. E por isso ela é policiada. (...) Julgamos as poderosas com mais rigor do que os poderosos.

P. 39 **(...) as mulheres, na verdade, não precisam ser defendidas e reverenciadas. Só precisam ser tratadas como seres humanos iguais.** (...) a premissa do cavalheirismo é a fragilidade feminina.

P. 41 Nosso mundo ainda dá ao papel conjugal e maternal da mu-
P. 42 lher um valor muito maior do que qualquer outra coisa.

P. 48 Ensinamos as meninas a serem agradáveis, boazinhas, fingidas. E não ensinamos a mesma coisa aos meninos. É perigoso. Muitos predadores sexuais se aproveitam disso.

P. 48 Muitas meninas ficam quietas quando são abusadas, porque querem ser boazinhas. Muitas meninas passam tempo demais tentando “ser boazinhas” com pessoas que lhes fazem mal.

P. 49 Temos um mundo cheio de mulheres que não conseguem respirar livremente porque estão condicionadas demais a assumir formas que agradem aos outros.

P. 56 (...) um homem bem-vestido não se preocupa que, por estar assim, possam colocar em dúvida sua inteligência, sua seriedade ou sua capacidade. Uma mulher, por outro lado, está sempre consciente de como um batom chamativo ou uma roupa bem montada pode fazer com que os outros a vejam como frívola.

P. 63 **(...) usamos a biologia evolucionista para explicar a promiscuidade masculina, mas não a feminina, muito embora, do ponto de vista da evolução, realmente faça muito sentido que as mulheres tenham vários parceiros sexuais – quanto maior a variedade genética, maiores as chances de gerar crianças que se desenvolvam bem.**

P. 67 A vergonha que atribuímos à sexualidade feminina se refere a uma questão de controle. Muitas culturas e religiões controlam o corpo feminino de uma ou de outra forma.

P. 69 Por que fomos ensinadas a falar em voz baixa sobre a menstruação? A nos encher de vergonha se por acaso nossa saia fica manchada de sangue? Não há nenhuma razão para nos envergonharmos de nossos períodos menstruais. São normais e naturais, e a espécie humana não estaria aqui se eles não existissem.

P. 70 (...) damos às meninas pistas sutis sobre a vida delas – ensinamos que um grande elemento de sua capacidade de amar é sua capacidade de se sacrificar. Não ensinamos isso aos meninos.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

P. 17

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. (...) Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que estes cargos de chefia só sejam ocupados por homens.

P. 20

Existem mais mulheres do que homens no mundo – 52% da população mundial é feminina –, mas os cargos de poder e prestígio são ocupados pelos homens.

P. 21

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para estes atributos. **Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar.**

P. 24
P. 25

A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. (...) Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças só aconteceram por causa da raiva. (...) **Uma mulher não deve expressar raiva, porque a raiva ameaça.**

P. 27

Perdemos muito tempo ensinando às meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser benquistos. Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva, ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões.

P. 30
P. 31

Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: “Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem.” Por que, então, não questionar esta premissa? **Por que o sucesso da mulher ameaça o homem?**

P. 32

Por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento, mas não fazemos o mesmo com os meninos?

P. 34

Ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas. Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais (...), como rivais da atenção masculina.

P. 36

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. (...) Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina; elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos.

P. 37

Ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens – elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar?

P. 41

A verdade é que, quando se trata de aparência, nosso paradigma é masculino. Muitos acreditam que quanto menos feminina for a aparência de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida. Quando um homem vai a uma reunião de negócios, não lhe passa pela cabeça se será levado a sério ou não dependendo da roupa que vestir – mas a mulher pondera.

P. 48

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. **Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.**

COLETIVO NÃO ME KAHLO

BRUNA DE LARA,
BRUNA RANGEL,
GABRIELA MOURA,
PAOLA BARIONI,
THAYSA MALAQUIAS

#Meu amigo secreto:
feminismo além das redes, 2016.

P. 10

(...) o discurso universal é excludente; excludente porque as opressões atingem as mulheres de modos diferentes, portanto seria necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades das mulheres. Trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras/pobres, da mesma maneira que a universalização da categoria mulheres tendo em vista a representação política teve como base a mulher branca, de classe média.

P. 10
P. 11

(...) é que existe uma voz dominante do feminismo, que uma voz é privilegiada. Porque ao restringir à terceira onda a discussão sobre as diferenças, ignora-se que já na segunda onda mulheres negras estavam refutando a categoria mulher criada pelo feminismo. É preciso se debruçar com um olhar crítico sobre essa história, porque, ao romper com a visão masculinista, as mulheres brancas acabaram criando um novo universal.

P. 17

Um estudo realizado com brasileiras de 6 a 14 anos concluiu que 81,4% delas arrumam sua própria cama, enquanto apenas 11,6% dos meninos faziam o mesmo. Elas não só dedicam mais tempo à tarefa, como são cobradas de forma desigual.

P. 19
P. 20

(...) a mulher que não mostra sentimentalidade é encarada como fria ou arrogante. Quando uma mulher é assertiva, por outro lado, diz-se que ela é insensível ou não tem cuidado com os sentimentos dos outros, ao passo que, no homem, a assertividade é relacionada à franqueza e a à objetividade.

P. 20

Além de nos censurar, a sociedade se empenha em ensinar formas de agir consideradas mais “apropriadas” para as moças. Se os homens devem ser diretos, nós mulheres devemos ser extremamente cuidadosas com as palavras e ações, para não ferir os sentimentos alheios. Se os homens devem sempre se impor, nós, por outro lado, devemos relevar o que nos incomoda. Por séculos, mulheres que não se encaixavam no ideal de docilidade foram diagnosticadas com uma condição chamada histeria feminina.

P. 20

Como tratamento [da histeria], sugeria-se a manipulação da vagina e do clitóris pelo marido da mulher diagnosticada ou, caso isso não desse certo, pelo médico que devia masturbar a paciente até que ela atingisse o orgasmo – assim, acreditava-se, ela ficaria mais calma. O primeiro vibrador, patenteado em 1869, foi criado por um médico norte-americano com o objetivo de tratar a histeria e “aliviar” os homens dessa tarefa.

P. 21

(...) usava-se a histeria, muitas vezes, como forma de tornar patológicos comportamentos femininos que fugissem às normas sociais da época, posturas consideradas indevidas para uma mulher.

P. 21

Embora hoje a medicina não mais reconheça a histeria feminina, as expressões de raiva das mulheres continuam a ser associadas a seu ciclo reprodutivo e à sua sexualidade.

Não raro, nossa revolta diante de atitudes machistas, por exemplo, é atribuída à tensão pré-menstrual ou a uma suposta falta de sexo, a fim de desvalidar nossas críticas.

P. 21

(...) tanto homens quanto mulheres tendem a respeitar mais um homem quando ele expressa raiva, ao passo que as mulheres que expressam esse mesmo sentimento perdem respeito.

P. 23
P. 24

(...) quando vemos um bebê com brinquinhos, sabemos que é uma menina, não é?

Enquanto o uso de brincos costuma ser uma imposição (...) outras formas de inscrição do gênero feminino se dão com mais sutileza, a partir do disciplinamento. (...) o corpo feminino pode ser disciplinado a partir da inscrição do ideal da docilidade. (...) Enquanto as mulheres, em geral, andam com os braços rentes ao corpo, sentam-se com as pernas fechadas e as mãos unidas sobre o colo, os homens costumam andar com os braços afastados, se sentar com as pernas bem abertas e deixar as mãos separadas.

P. 24

Basicamente, as mulheres, ainda que de forma inconsciente, procuram ocupar sempre o menor espaço possível, enquanto os homens tendem a ocupar todo o espaço que estiver disponível. E isso, mais uma vez, não é natural.

P. 25

A forma “certa” de homens e mulheres ocuparem espaço está ligada a alguns ideais abstratos de gênero, como a delicadeza feminina e a robustez masculina.

P. 27 Se é verdade que o gênero restringe as escolhas tanto dos homens quanto das mulheres, (...) é verdade também que ele confere maior valor às condutas impostas aos homens, em detrimento daquelas impostas às mulheres.

P. 27 Quando uma mulher deseja ocupar uma função de liderança (...) ela enfrenta um duplo desafio. Se for feminina demais, será considerada fraca e inapta. (...) Se, por outro lado, ela exibir traços tradicionalmente valorizados nesses cargos, será considerada masculina e dura.

P. 29 O homem, para ser considerado masculino, deve manter os pelos, ficar de cara limpa e aceitar suas rugas. A mulher, por outro lado, deve se afastar de seu estado natural para ser considerada feminina. (...) construímos a ideia do corpo feminino como algo deficiente: ao natural, alguma coisa lhe falta. (...) O ideal de beleza, afinal, é mais uma das formas de disciplinar o corpo feminino.

P. 30 (...) a mulher tem que encarar a distância entre seu próprio corpo e aquele que lhe é imposto por padrões arbitrários. Treinada para agradar esse olhar externo que lhe exige o impossível e sabendo estar sempre em avaliação, ela exerce sobre si mesma uma disciplina rígida e constante (...). Sob tamanha pressão, acaba marcada por um sentimento de autodepreciação. (...) as mulheres se criticam, em média, oito vezes por dia. Das vinte autocríticas mais recorrentes, treze têm relação com a aparência física.

P. 37 **De cada cem mulheres assassinadas, quantas são negras? De cada cem mulheres em universidades, quantas são negras? De cada cem mulheres ocupando cargos de decisão em empresas, quantas são negras? De cada cem mulheres trabalhando em cargos de limpeza, quantas são negras? Por quê?**

P. 38 Se existem mais mulheres negras do que brancas sofrendo violência obstétrica, tratar dessa questão não visa a jogar

debaixo do tapete o problema geral, mas entender que esse dado pode demonstrar que o racismo faz vítimas bem definidas no sistema de saúde.

P. 42

P. 43

Mulheres negras são cerceadas de seu direito de luta sob acusações de irracionalidade e agressividade. Para que se faça uma justa reflexão, comecemos com o entendimento de quem são as mulheres negras. Quando se diz que “a raça nos separou” ou “hoje tudo é racismo” qual é a mensagem que se pretende passar?

P. 52

A quem beneficia uma sociedade na qual falar de racismo é tabu? Por que soa tão ofensivo que mulheres negras queiram falar por si, produzir ciência e avançar nos debates além da violência? Mulheres negras querem falar de política, de economia, de cinema, de publicidade, de física, de diplomacia, de quaisquer assuntos que soem interessantes, porque nenhum espaço deve ser fechado.

P. 52

O feminismo negro tem um caminho a trilhar que vai além de repetir à exaustão o que o mundo parece ainda não ter aprendido: não nascemos para ser a próxima Globeleza nem eternas reencarnações de Tia Anastácia. Nosso papel não é ser mulata para fazer estrangeiro babar nem empregada sempre à disposição. (...) As mulheres negras estão se unindo para o exercício da cidadania, pois compreendem que não podem mais ser vistas como objeto, seja para o prazer do homem negro, seja para servir as mulheres brancas.

P. 66

Transformando o social em individual, o discurso neoliberal nos ensina que a mulher é poderosa justamente por passar pelas dificuldades que passa – não vamos dizer machismo, né? E, é claro, se você não vence as barreiras que surgem em sua vida, é devido à própria incompetência.

P. 68

Difundir a ideia de que, como grupo, as mulheres “chegaram lá” é simplesmente enganador. Da mesma forma, disseminar

que a noção de que, nesse cenário, os maiores obstáculos entre uma mulher e a uma vida de sucesso estão dentro dela mesma chega a ser cômico.

P. 70
P. 71

A pobreza (...) atinge principalmente as mulheres negras, apresentando a elas obstáculos que jamais terão de ser superados pelas mulheres brancas de classes mais altas. Vamos atribuir o inegável abismo entre os gêneros e entre as mulheres de diferentes raças a uma diferença de esforço e de autoestima dos indivíduos de cada um desses grupos? Vamos concluir, então, que as mulheres – coincidentemente – são menos competentes que os homens e as negras menos competentes que as brancas? Ou vamos nos dar conta de que o discurso neoliberal estimula um apagamento das influências das origens de cada indivíduo e das diferentes dificuldades que se impõem a pessoas de diferentes camadas sociais?

P. 80
Catherine MacKinnon

A SEXUALIDADE É PARA O FEMINISMO O QUE O TRABALHO É PARA O MARXISMO; AQUILO QUE É MAIS NOSSO E, TODAVIA, O QUE MAIS NOS TIRAM.

P. 86

(...) agora, apesar de a mulher poder controlar sua fertilidade, não podemos dizer que ela vivencie uma liberdade sexual completa, nem mesmo uma plena autonomia sobre seu corpo, uma vez que a responsabilidade ainda não é dividida de forma igualitária.

P. 88

Na pré-história a sexualidade era normal e tolerada, os acasalamentos eram constantes, o ato sexual era voltado exclusivamente para o prazer físico e a procriação era apenas uma consequência.

Passados alguns milhares de anos, consolidou-se um sistema patriarcal no qual teve início uma conjunção de normas relacionadas à sexualidade que transformaram o ato sexual em tabu. (...) Por serem consideradas sedutoras, as mulheres eram vistas como tentações do demônio, tendo sua sexualidade condenada e interdita. (...) a atividade sexual passou a ser marcada pelo objetivo da reprodução, principalmente por parte da mulher, e o prazer sexual passou a ser visto como algo profano.

P. 91

Podemos afirmar que toda educação sexual foi e ainda é pautada de uma perspectiva masculina e falocêntrica. (...) As questões sexuais femininas continuam a ser um tabu tanto para mulheres quanto para homens, e, até mesmo para profissionais e estudiosos da área, como ginecologistas e sexólogos.

P. 93

(...) devido a uma falta de entendimento sobre a anatomia da vulva, tanto homens quanto mulheres acreditam no mito de que a vagina possui mau cheiro, quando na verdade o que há é apenas um odor natural (a vagina possui mucosas e não pode ter o mesmo cheiro que a pele da testa, por exemplo), ou no mito de que o melhor orgasmo é o vaginal e não o clitoridiano, uma vez que o orgasmo vaginal é o mais conveniente para a prática sexual masculina.

P. 94

A maioria dos ginecologistas brasileiros não investiga espontaneamente a qualidade da vida sexual de suas pacientes. (...) ainda são poucos os estudos sobre a sexualidade feminina, em comparação com os existentes sobre a sexualidade masculina.

P. 95

(...) somente no Brasil [em 2008], 30% das mulheres confessaram que não têm orgasmo, 35% que têm alguma dificuldade de sentir desejo e 21% que sentem dor durante a relação sexual. (...) estes não são números isolados, indicando que a mesma mulher pode manifestar os três sintomas simultaneamente, o que contabiliza um percentual de 49%.

P. 97

A discussão sobre a existência da prática sexual da mulher proporcionará informações que lhe permitirão refletir sobre a própria identidade sexual, sobre seu corpo, e, mais que isso, talvez lhe permita voltar a encarar o ato sexual como algo natural e necessário para o desenvolvimento de uma sexualidade saudável, como já foi no século XVI.

P. 99

(...) um tabu ainda persiste: a masturbação. (...) Foram ouvidas mais de 8 mil pessoas [em 2008] em dez capitais brasileiras.

(...) 53% das brasileiras solteiras entre 18 e 25 anos nunca tinham se masturbado, em contraste com 4,2% dos homens solteiros da mesma faixa etária. (...) Além disso, apenas 10 a 15% das brasileiras mantêm a masturbação como hábito.

P. 102

A concepção atual de que há dois sexos surgiu apenas no século XVIII. Até então o sexo feminino era considerado um subdesenvolvimento do sexo masculino; o órgão genital feminino (vagina) seria um órgão genital masculino (pênis) incompleto, ou seja, entendia-se que mulheres eram essencialmente homens imperfeitos.

P. 103

Ao longo de muitos séculos mulheres foram prisioneiras de um império biológico. Não podiam ocupar espaços de poder no mundo público pelo simples fato de terem nascido com útero. Afirmava-se que, devido a sua estrutura biológica, considerada frágil e não racional, elas eram capazes de executar apenas tarefas de pouca complexidade.

P. 122

Mulheres que não desejam se casar são julgadas de maneira especialmente cruel. São privadas da manifestação de suas vontades, não se concebendo a hipótese de que realmente não queiram se casar. (...) Por outro lado, existem mulheres que querem se casar, mas não desejam ou não podem ser mães. Uma vez que a maternidade ainda é vista como parte indissociável da construção social do que é “ser mulher”, (...) essas mulheres passam a ter que provar incessantemente que, mesmo não tendo filhos, são “mulheres plenas”. (...) Incapaz de compreender o fato de uma mulher se recusar a ser mãe, há quem confunda filho com aposentadoria e questione: “Mas quem vai cuidar de você na velhice?”

P. 123

(...) tanto homens quanto mulheres são julgados por optarem por uma vida sexual sem filhos. A mulher, no entanto,

é mais atingida. (...) Ao se casar, a heteronormatividade impõe que mulheres devam se unir a homens, invisibilizando o relacionamento entre duas mulheres. Às lésbicas que querem ter filhos, restam a tarefa de provar para a sociedade que podem ser mães e a luta pelo reconhecimento de sua família como uma família, além de seu relacionamento servir reiteradamente de fetiche masculino.

P. 125

P. 126

(...) vimos surgir uma nova modalidade de estado civil: a “mãe solteira”. A mãe que é também solteira sempre existiu, mas o rótulo é recente. (...) Essa classificação e a forma como essas mulheres são tratadas é uma crueldade social: criminalizam o aborto ao mesmo tempo que marginalizam essas mães. Os obstáculos vão desde a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e do julgamento moral de sua vida sexual até a falta do amparo do Estado.

P. 128

P. 129

Uma mulher que afirma não gostar de ser mãe será rapidamente diagnosticada com depressão pós-parto, porque, assim, seu sofrimento será aceitável. Ela estará doente e portanto não terá “culpa” pelo que sente. Se, por outro lado, essa mulher for saudável, não haverá “desculpa” para o que ela diz. Será considerada uma mãe horrível, uma mulher sem coração, porque a discussão que ela está propondo não é aceita no meio em que vive. (...) a medicina acaba se tornando uma espécie de redentora, salvando a mulher do sentimento de culpa por sua (suposta) inaptidão para a maternidade.

P. 164

(...) **a maioria das pessoas acredita que a mulher é responsável, de alguma forma, pelo próprio estupro.** Chamamos isso de *culpabilização da vítima*, comportamento diretamente relacionado com a cultura do estupro.

P. 165

O feminicídio, o estupro e a violência doméstica são os exemplos mais palpáveis das violências que a mulher sofre. Mas são apenas a ponta de um iceberg, cuja parte submersa e que dá sustentação a tudo isso são violências sutis, naturalizadas e reproduzidas no senso comum.

P. 180 Quase metade (47%) de todas as mulheres vítimas de homicídio no mundo em 2012 foram vítimas de violência doméstica (...). Enquanto isso, apenas 6% dos homicídios masculinos foram cometidos por parceiros/familiares da vítima. (...) foram 43,6 mil mulheres e 20 mil homens mortos no mundo em decorrência de violência doméstica em 2012.

P. 187 (...) relacionamentos abusivos possuem duas características capazes de criar fortes vínculos entre vítimas e agressores: o desequilíbrio de poder entre eles e a intermitência do abuso.

P. 189 **A mulher que está em uma relação abusiva precisa repetir para si mesma: a culpa nunca é da vítima. NUNCA.**

P. 189
P. 190 [Nas Delegacias de Defesa da Mulher em São Paulo] os policiais, de forma geral, enxergam as mulheres que procuram seu apoio como “mentirosas e manipuladoras”. (...) o relato da mulher é posto em dúvida, assim como seu caráter: O que você estava fazendo na rua a essa hora? Por que saiu sozinha? O que você estava vestindo? Você estava bebendo? Afinal, parecem estar perguntando: Você foi uma vítima ou uma provocadora?

P. 208 (...) ao longo dos séculos ser bela foi se tornando uma obrigação, já que o conceito de feiura foi associado a uma desobediência social. (...) A aparência tornou-se um reflexo do íntimo, de forma que todos pudessem percebê-lo e julgá-lo como aceitável ou não, segundo os conceitos do belo. (...) esse padrão de beleza (...) sempre foi uma forma de subordinar o corpo feminino a uma cultura eurocentrada patriarcal.

P. 249
P. 250 **Quantas vezes precisamos explicar a alguém que feminismo não tem nada a ver com ódio aos homens?**
Quantas vezes nos vemos obrigadas a debater mais do mesmo, nunca fugindo do óbvio, em vez de nos aprofundarmos nas discussões que nos são caras, devido à propagação da desinformação? E quantas vezes, mes-

mo diante de direitos já conquistados, temos que justificar a necessidade deles, além de, com frequência, vermos esses mesmos direitos serem ameaçados por legislações cada vez mais conservadoras?

(...) por que, ainda hoje, algumas pessoas têm tanto medo do termo “feminismo”? Por que sempre temos que recomeçar nossa discussão da estaca zero?

P. 39

P. 40

(...) ainda é muito comum a gente ouvir a seguinte afirmação: “mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil”, quando a discussão é desigualdade salarial. Essa informação está incorreta? Logicamente não, mas do ponto de vista ético, sim. Explico: mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos. (...) [Em 2016] mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico.

P. 40

Quando muitas vezes é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos”, ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, o avanço mais profundo fica impossibilitado.

P. 41 Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. Segundo o Mapa da Violência de 2015, aumentou em 54,8% o assassinato de mulheres negras, ao passo que o de mulheres brancas diminuiu 9,6%. Esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico-racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, já que essas políticas não estão alcançando as mulheres negras. O “mulheres” aqui atingiu, majoritariamente, mulheres brancas.

P. 42 Na década de 1980, mulheres negras eram esterilizadas forçadamente. Segundo pesquisa de Jurema Werneck, o movimento de mulheres negras é protagonista no combate ao genocídio da população negra e à usurpação da liberdade das mulheres, iniciando a luta sob a forma de denúncia. Essa luta resultou na criação da Comissão Parlamentar de Inquérito em 1991. A CPI da esterilização, como ficou conhecida, constatou que houve essa prática, seja na prestação inadequada dos serviços oferecidos pelas instituições privadas financiadoras de métodos contraceptivos, principalmente nas regiões mais pobres do país, seja nas medidas contraceptivas irreversíveis. Se as mulheres negras não tivessem denunciado essa realidade e lutado para que o debate sobre essa violência viesse à tona, provavelmente a questão seria ainda mais grave.

P. 42 A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida.

P. 46 [Sueli Carneiro diz:] Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que

nunca reconheceram em si mesma esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenhos tarados. (...) Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada pelos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”.

P. 49 [Sueli Carneiro nos mostra que] o racismo determina as hierarquias de gênero em nossa sociedade, sendo assim necessário que os movimentos feministas pensem maneiras de combater essa opressão, caso contrário também contribuirão para manter as relações entre as mulheres hierarquizadas, reproduzindo o discurso hegemônico.

P. 51 O problema seria quando as diferenças significam desigualdades. O não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo.

P. 64 (...) não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo,

impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

P. 71 (...) o debate é sobre a posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões.

P. 77 Falar, muitas vezes, implica receber castigos e represálias e justamente por isso, muitas vezes, prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade suprematista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays, podem falar do mesmo modo que os homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço e legitimidade? Quando existe algum espaço para falar, por exemplo, para uma travesti negra, é permitido que ela fale sobre Economia, Astrofísica, ou só é permitido que fale sobre temas referentes ao fato de ser uma travesti negra? Saberes construídos fora do espaço acadêmico são considerados saberes?

P. 82
Audre Lorde

MINHA RESPOSTA AO RACISMO É RAIVA. EU VIVI BOA PARTE DE MINHA VIDA COM ESSA RAIVA, IGNORANDO-A, ME ALIMENTANDO DELA, APRENDENDO A USAR ANTES QUE JOGASSE MINHAS VISÕES NO LIXO. UMA VEZ FIZ ISSO EM SILÊNCIO, COM MEDO DO PESO. MEU MEDO DA RAIVA NÃO ME ENSINOU NADA. O SEU MEDO DESSA RAIVA TAMBÉM NÃO VAI TE ENSINAR NADA.

P. 82
P. 83

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do

lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas de fato possam ter escolhas numa sociedade que as confina a um determinado lugar; logo, é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. (...) é preciso cada vez mais que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. Como disse Rosane Borges (...), pensar lugar de fala é uma postura ética, pois "saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo".

P. 84

[Jota Moçamba diz:] Se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas. Assim, quando os ativismos do lugar de fala desautorizam, eles estão, em última instância, desautorizando a matriz da autoridade que construiu o mundo como evento epistemizada, e estão também desautorizando a ficção segundo a qual partimos todas de uma posição comum de acesso à fala e à escuta.

EVA ALTERMAN BLAY, LÚCIA AVELAR

(ORG.)

50 anos de feminismo. Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos, 2019.

P. 27

Na primeira metade do século XX, o hiato de gênero na educação brasileira ocorria porque as taxas de analfabetismo das mulheres eram elevadas, e as taxas de escolaridade masculinas eram maiores do que as taxas femininas em todos os níveis de instrução. As abordagens de gênero mostram que as diferenças nos níveis educacionais não decorriam das características biológicas, mas das condições históricas e estruturais da conformação da sociedade.

P. 43

Enquanto a revolução de gênero encontra-se em um grau bastante avançado nos que se refere às instituições, no nível individual, como acesso à educação, ao mercado de trabalho e à vida pública, essa revolução está acontecendo no nível da família em um ritmo muito mais lento. Consequentemente, a organização familiar e divisão das tarefas domésticas baseadas no modelo patriarcal ainda existem, mesmo em famílias de dupla renda, e, especialmente, nas classes sociais mais baixas.

P. 52

(...) é fundamental se atingir a paridade de gênero em todos os níveis e a igualdade de oportunidade entre os sexos na família, na sociedade e na política. A exclusão feminina da representação parlamentar é uma das últimas fronteiras a ser revertida, pois o déficit político de gênero não faz justiça à contribuição que as mulheres dão à sociedade brasileira.

P. 52

A equidade de gênero é, essencialmente, uma questão de direitos humanos, mas não deixa de ser também uma questão de desenvolvimento do processo civilizatório. (...) não existe emancipação social sem a emancipação da mulher.

P. 53 Está provado que em condições de igualdade de oportunidades, quando prevalecem critérios meritocráticos, as mulheres tendem a se sobressair.

P. 53 Mas a revolução feminina ainda não se completou, pois a manutenção da divisão sexual entre trabalho produtivo e reprodutivo continua sendo o nó górdio das relações de gênero. As mulheres entraram no espaço público, mas não se livraram da sobrecarga dos afazeres doméstico e privado. A dupla jornada de trabalho (remunerado e não remunerado) ainda é um peso que limita a autonomia e o empoderamento das mulheres.

P. 61 Um dos limites mais importantes encontrados nas reivindicações feministas é o direito de decidir sobre o próprio corpo. Embora tenham sido apresentados vários projetos de lei desde a recuperação da democracia para garantir o direito ao aborto, nenhum foi julgado pelas câmaras do Congresso Nacional.

P. 73 Lembremo-nos (...) das demandas das mulheres comunistas no interior do PCB na década de 1950. Já naqueles anos algumas mulheres feministas manifestavam descontentamento diante da posição subalterna que ocupavam dentro da estrutura partidária. (...) Estavam excluídas das reuniões importantes, não tinham voz na direção e mesmo quando membros da cúpula eram desconsideradas.

P. 76 O movimento das mulheres tinha a adesão da parcela progressista da Igreja católica desde que não abordasse o tema da sexualidade, o qual levaria à discussão do planejamento familiar e, em consequência, ao aborto – questões diabolizadas pela Igreja católica até hoje.

P. 76 O aborto era e é proibido na maioria dos países da América Latina, impondo um procedimento ilegal e inseguro. Claro que o problema atinge apenas as camadas mais pobres da população, já que as de maior poder aquisitivo dispunham e dispõem de serviços médicos e hospitalares pagos e adequados que ignoram as proibições legais.

P. 77 (...) durante a ditadura militar, os movimentos de mulheres e os grupos feministas se mantiveram ativos, confrontaram o cerco policial, “infringiram” a ordem imposta. Nesses anos, os partidos políticos – sob intervenção ou não – ignoraram a emergência da demanda das mulheres e seu intenso ativismo.

P. 82 (...) ora o poder público interferia sobre o âmbito privado, como o corpo da mulher – impedindo o aborto, por exemplo – ou se eximia quando havia violência dentro de casa. (...) Foi revolucionária a demonstração de que **o que acontece dentro de casa, o privado, é parte da esfera pública, do âmbito do poder.**

P. 83 [O MR8] considerava o tema da autonomia um gesto diversionista, afirmando que a luta era uma só, “não há violência contra a mulher, mas sim contra o homem e a mulher da classe operária”. Iam além ao afirmar que **criar um SOS para enfrentar a violência contra as mulheres seria “transformar a violência na família em caso de polícia e fazer o jogo da ditadura, porque culpa o operário que chega em casa cansado e bate na mulher”**. Simplificando, o cansaço, a bebida e a exploração capitalista justificariam a agressão contra a mulher (...) e isso não deveria ser punido.

P. 129
P. 130 Para que o trabalho doméstico, de cuidados, seja uma responsabilidade compartilhada e socialmente distribuída em um mundo dominado por relações mercantis e direitos retóricos, será necessário considerar o pagamento por toda a forma de trabalho segundo sua importância para a vida – reconhecimentos material e simbólico –, o que motivaria sua distribuição efetiva com os homens.

P. 132
P. 133 A pergunta (...) seria como conseguir que cada mulher enquanto tal discorde/discordemos de ser as principais reprodutoras dessa subespécie homo patriarcal que agen-

cia/agenciamos a própria subordinação e lugar desigual, considerando que a citada ordem tem raízes estruturais na divisão sexual do trabalho. E que essa responde à divisão do mundo em público/privado-doméstico herdado das primeiras noções da democracia grega, com suas valorizações desiguais. Como desmontar uma ordem global de milênios?

P. 167

A despeito da composição majoritária de mulheres nas cooperativas [de reciclagem], assim como da crescente tendência da liderança feminina de administração dos empreendimentos e, ainda, da ativa participação do gênero na base (núcleos locais) do MNCR [Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis], é mínima a presença de mulheres nos postos de poder internos ao movimento social. (...) as instâncias internas de poder político são ocupadas hegemonicamente por homens. (...) apesar de majoritárias na base das organizações, as mulheres são minoria nos postos internos de poder.

P. 219

A participação das mulheres, individual e coletivamente, ocorre em todos os tempos e circunstâncias, no entanto estão ausentes das páginas da história oficial e por isso sua visibilidade é um desafio contínuo. Elas estiveram nas guerras de independência, na construção das repúblicas e, mais cedo, exercendo a cidadania em uma sociedade onde a sua exclusão estava tão naturalizada que nem a legislação as tinha inscrito explicitamente.

P. 220

(...) não votarão as mulheres, nem os dementes, os empregados domésticos, aqueles processados por crime ou delito que mereça pena infamante e os condenados por falência fraudulenta.

P. 223

Onde estava o “sexo frágil” quando cuidávamos da manutenção da família, do apoio aos presos políticos e da luta contra a ditadura? Onde estava a “delicadeza” quando estávamos tão ferozes nas brigas de rua? Onde estava a “passividade” quando irrompíamos com múltiplas formas criativas para nos organizar e mobilizar? Onde estava o ser para os outros

quando nos apaixonávamos pela descoberta de nossos corpos, da nossa sexualidade, dos nossos prazeres?

P. 224

Agora que conhecemos o papel que as mulheres desempenharam na história do país, percebemos a gravidade da sua ausência: estavam ausentes das nossas identidades. (...) Não tínhamos nem buscávamos um modelo feminino distinto ao existente.

P. 231

P. 232

(...) as mulheres negras, na força de trabalho, eram (e ainda são) a base da pirâmide social: exerciam funções manuais e frequentemente desempenhavam tarefas tidas como improdutivas.

P. 256

(...) apesar de serem 52,1% do eleitorado e 44,3% dos filiados a partidos políticos, as mulheres são somente 14,8% dos senadores, 13,4% dos vereadores, 11,4% dos deputados estaduais, 11% dos prefeitos, 9,9% dos deputados federais e 3,7% dos governadores brasileiros.

P. 295

Argentina e Brasil compartilham um histórico de marginalização e exclusão das mulheres na política institucional, embora, em ambos os casos, os movimentos feministas estejam intimamente ligados à construção da democracia e ao processo de redemocratização.

Gênero e desigualdades:
limites da democracia no Brasil, 2018.

P. 28

O fato de a industrialização ter transferido parte da produção realizada no espaço doméstico para as fábricas não restringiu a casa a espaço *reprodutivo*. A responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que se define, assim, como *produtivo e não remunerado* seria a base do sistema patriarcal no capitalismo. O patriarcado, como sistema político, consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens. (...) o trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como aquele que está implicado na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, deixa os homens livres para se engajar no trabalho remunerado. São elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e essa *gratuidade* se define numa relação: o casamento.

P. 30

(...) se as mulheres casadas são as que sofrem diretamente a “opressão comum” fundada na divisão do trabalho, as restrições sofridas pelas divorciadas e pelas solteiras com filhos expõem o caráter sistêmico e institucionalizado da opressão (...). Em suma, é justamente o caráter institucional da exploração no casamento que torna potencialmente ruim a situação das mulheres fora dele, a ponto de o casamento aparecer como um mal menor – como a “melhor carreira, economicamente falando”.

P. 36

(...) as mulheres vivem em um mundo no qual não há apenas sexismo, mas racismo, classismo e outras formas de opressão, em um mundo, portanto, em que o “problema da diferença” é na realidade o problema do privilégio.

P. 43

As relações de autoridade que produzem a subordinação das mulheres são tecidas por múltiplos fatores. A dupla moral sexual, a tolerância à violência que as atinge por serem mulheres, a ideologia maternalista e os limites para o controle autônomo de sua capacidade reprodutiva são alguns deles.

P. 44 (...) *a divisão sexual do trabalho é produtora do gênero*, ainda que não o seja isoladamente. Ela compõe as dinâmicas que dão forma à dualidade feminino-masculino, ao mesmo tempo que posiciona as mulheres diferente e desigualmente segundo classe e raça.

P. 135 **O direito ao aborto é um eixo central na autonomia das mulheres. Sem o direito a controlar sua capacidade reprodutiva, a autonomia na definição de sua trajetória de vida fica fundamentalmente comprometida.**

P. 171 O debate contemporâneo sobre a participação política das mulheres tem como ponto de partida o diagnóstico de que o direito ao voto e o direito a disputar as eleições, conquistados na maior parte do mundo entre as primeiras décadas do século XX e meados do mesmo século, não redundaram em condições igualitárias de participação. (...). As barreiras tornam-se mais espessas quando analisamos as condições de participação das mulheres mais pobres, das mulheres negras e indígenas, das trabalhadoras do campo.

P. 172 A política é *atualizada* como espaço masculino. A história do espaço público e das instituições políticas modernas é a história da acomodação do ideal de universalidade à exclusão e à marginalização das mulheres e de outros grupos sociais subalternos.

P. 175 A baixa presença e mesmo a ausência, em muitos casos, de mulheres em cargos eletivos e de primeiro escalão (...) não significa que não atuem politicamente, mas, sim, que essa atuação é dificultada e, quando existente, ocorre em ambiente político historicamente masculino, em que predominam brancos e proprietários.

P. 176 Embora uma mulher, Dilma Rousseff, tenha sido eleita para a Presidência em 2010 e 2014, apenas um estado, entre os 27 que compõem a federação, elegeu uma mulher como governa-

dora no ano em que Rousseff foi reeleita e, em 2016, somente 11,5% dos municípios elegeram mulheres como prefeitas.

P. 177 No Brasil, o direito a votar, que as mulheres conquistaram em 1932, só se igualaria ao dos homens na Constituição de 1946, quando o alistamento feminino deixou de ser facultativo.

P. 177 A violência da repressão não foi neutra em termos de gênero. Estão hoje documentadas práticas de tortura a mulheres, que incluíram a violação e formas específicas de humilhação e terror, assim como a perseguição a homossexuais e o combate ao "homossexualismo".

P. 208 A sub-representação feminina que ganhou maior importância na área acadêmica em que atuo, a Ciência Política, não decorre de diferenças, mas, sim, de desigualdades que, por sua vez, ela atualiza. Trata-se, assim, de um problema da democracia, não de um problema das mulheres.

P. 210 **Violência cotidiana e violência política interligam-se em práticas que pressionam as mulheres para permanecer naquele que seria "seu lugar" – ou a ele retornar -, isto é, os espaços doméstico-familiares, a aceitação de formas menos ou mais diretas de tutela masculina. (...) A qualificação do feminino como docilidade e domesticidade, que se intensifica nos estereótipos maternais e no "familismo", situa as mulheres no mundo de um modo que torna natural sua ausência dos espaços decisórios.**

P. 57 [O silenciamento opressivo ocorre] porque o oprimido percebe de imediato que o grupo opressor não está disposto ou é incapaz de assimilar o que está sendo dito. Ou seja, com o tempo, em razão da repulsa em dialogar abertamente sobre as opressões que estruturam nossa sociedade, deixamos de falar sobre elas ou falamos apenas o que é permitido.

P. 58 Sobre silenciamento e ignorância prejudicial a grupos oprimidos, podemos também pensar a realidade das mulheres negras a partir da frase da ativista negra brasileira, Monique Evelle, em 2015, quando afirmou em palestra: **“nunca fui tímida, fui silenciada”**.

P. 58
Audre Lorde

O PESO DO SILÊNCIO VAI ACABAR NOS ENGASGANDO.

P. 58 (...) tal silêncio não é individual, mas um silenciamento institucional, uma conduta, uma ação que provoca o silenciar de grupos subalternizados.

P. 60 No caso das mulheres negras e seu peculiar posicionamento na encruzilhada nas opressões que construíram nossa sociedade (...) há uma invisibilidade que é consequência da articulação dos grupos subalternizados dentro da pirâmide social; afinal sofre racismo o homem negro e sofre machismo a mulher branca. E onde fica a mulher negra? Não fica em lugar nenhum, ou fica em um não lugar.

P. 64 (...) o empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada pelo lugar de fala se desenvolva de maneira plena e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos.

P. 83 (...) falar do empoderamento de um grupo social é necessariamente falar sobre democracia e expansão de sua atual restrita aplicação. Empoderamento, na vida política pública, também é efetivado pelo exercício dos direitos políti-

- cos, entre os quais a participação como cidadão e cidadã na discussão pública é a principal ferramenta. (...) quando falamos de grupos oprimidos, cujas vozes muitas vezes são silenciadas (...) o acesso a espaços de decisões em sociedade é uma dentre tantas estratégias de resistência.
- P. 103 (...) não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes do que outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se inter-relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos.
- P. 115 Uma mulher negra pode alisar seus cabelos na busca consciente ou inconsciente pela estética europeia/caucasiana que foi cunhada pelo colonizador como aceitável, agradável, desejável. Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar ao se vislumbrar diante do espelho, saber que esse cabelo não é seu e, portanto, exigirá um conjunto de cuidados para se manter, incluindo táticas para que os outros esqueçam esse detalhe incômodo (...) acaba por alimentar, diante das dificuldades de manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema machista que sempre a vitimaram.
- P. 115 (...) olhando mais de perto, temos as intersecções de opressão machista e racista pautando a existência de mulheres negras, pois ao homem negro, algumas cobranças estéticas para aproximação da imagem do homem caucasiano são facultativas.
- P. 116
- P. 117 Mas os cabelos são apenas um primeiro elemento (...). Nossos rostos, que trazem as informações reais de nossas origens africanas, também são alvo constante de escárnio e depreciação.
- P. 125 (...) não é novidade para os movimentos de mulheres negras a necessidade de busca por processos de empoderamento como condição de sobrevivência.
- P. 135 É preciso permitir que um dos alertas acerca da discussão do feminismo tenha total responsabilidade e esteja em evidência, pois é o questionamento da necessidade imposta para as mulheres de serem bonitas.
- P. 136 (...)
- P. 137 (...) mesmo as mulheres brancas que são consideradas bonitas se deparam com diversas práticas machistas direcionadas a elas a partir da construção desumana desse lugar que não é capaz de agregar ou valorizar outras qualidades, senão as que objetificam e aprisionam pela busca incessante em manter-se nele e/ou pela rejeição da própria imagem quando não se encaixam dentro dos padrões e requisitos que esse lugar exige.
- P. 137 É execrável para a mulher que mantenha os pelos do corpo e até os ostente. Isso é considerado no mínimo desleixo. O mesmo não se aplica a homens que não só os mantêm como também os ostentam como símbolo de masculinidade.
- P. 138 (...) sem o entendimento político do que a estética representa enquanto instrumento de contranarrativa importante, ela se esvazia e perde a força de motivar e movimentar todo um grupo. (...) Se não percebemos que devemos entender a beleza e amá-la porque houve motivações políticas que induziram o pensamento contrário a isso, não avançaremos no processo de empoderamento.
- P. 146 Há uma representação social baseada na raça e no gênero, a qual regula as escolhas afetivas das mulheres negras. A mulher negra e mestiça estaria fora do “mercado afetivo” e naturalizado no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afeto”, do casamento, da união estável.
- P. 146 (...)
- P. 147 (...) muitas mulheres estão nesse estado de “solidão” porque não aceitam mais negociar suas humanidades para caberem em modelos opressores.

P. 21

Temos a quinta maior população de mulheres encarceradas do mundo (...). 50% têm entre 18 e 29 anos e 67% são negras, ou seja, duas em cada três mulheres presas são negras. Há, portanto, um alarmante dado que aponta para a juventude negra como foco da ação genocida do Estado. (...) Tráfico de drogas e roubo são a maioria dos atos infracionais e os argumentos apresentados não diferem: vulnerabilidades sociais, necessidade de sustento dos filhos e da família, desestruturação familiar, violência e abuso doméstico-sexual.

P. 93

A situação das mulheres encarceradas sofre uma dupla invisibilidade, tanto pela invisibilidade da prisão quanto pelo fato de serem mulheres. (...) As mudanças econômicas e político-ideológicas no sistema capitalista e a expansão do sistema prisional impactam especialmente as mulheres. Apesar de ainda pequeno contingente em números absolutos, as mulheres compõem o segmento que mais cresce no encarceramento. Entre 2000 e 2014 houve um aumento de 567,4% no contingente de mulheres encarceradas, enquanto que o aumento entre os homens foi de 220%.

P. 94

P. 95

Segundo Angela Davis, os sistemas punitivos têm sido marcadamente masculinos porque refletem a estrutura legal, política e econômica negada às mulheres. Sendo o espaço público negado às mulheres e sendo o espaço doméstico e privado sua determinação de vida, as punições ocorriam nesse domínio e eram determinadas por quaisquer questões que indicassem desvios de suas funções no lar.

P. 95

Enquanto as prisões emergiam, ironicamente, como espaços de humanização da punição – transformando-se a privação de liberdade em punição –, as mulheres permaneciam subjugadas no ambiente privado, inclusive com leis que garantiam castigos físicos. (...) ao passo que homens começaram a ser penalizados em prisões, foram utilizados contra as mulheres os hospitais psiquiátricos, as instituições mentais, os conventos e os espaços religiosos. Então, aos homens, a criminalidade era considerada algo da normalidade, uma quebra

de contrato e, portanto, em se tratando o crime de algo da esfera de um sistema de justiça público, a punição se exercia também no âmbito público. Em paralelo se constrói nesse período a ideia de mulheres anormalizadas e desestabilizadas, portanto loucas e histéricas, e que deveriam ser tratadas sob normas e condutas médicas e psiquiátricas. **Até hoje as mulheres formam o contingente mais medicalizado da sociedade moderna**, com todo tipo de fármacos para controle de “distúrbios” de ordem psíquica, além de apresentarem alto grau de doenças mentais.

P. 96

Ao analisarmos o período escravocrata, devemos olhar os estupro e as relações sexuais por coerção de senhores contra mulheres negras escravizadas também nesse âmbito do sistema punitivo privado. Dessas relações também tivemos a construção de estereótipos hipersexualizados de mulheres negras e que apresentam resquícios no sistema penal ainda hoje. (...) há uma forte diferença de tratamento – oportunidades para remissão de pena e de punições – entre mulheres negras e mulheres brancas.

P. 97
P. 98

Até o século XVIII, as mulheres eram consideradas incorrigíveis, posto que suas transgressões eram determinadas pelo campo moral e pelo descumprimento de seus papéis sociais domésticos e criadores. (...) como as mulheres não tinham status de cidadania, direitos políticos iguais aos dos homens, não eram vistas como passíveis de reforma no mesmo grau em que os homens. (...) a domesticação também não atingiu todas as mulheres de forma igual. Enquanto que para as mulheres brancas o enfoque foi o de transformá-las em boas esposas e donas do lar, para as mulheres negras e pobres o intento foi o de criar boas serviçais e trabalhadoras domésticas.

P. 98
P. 99

No Brasil, apenas a partir dos anos 1980 que passam a ser asseguradas condições de salubridade e ambientes próprios para as mulheres em situação prisional. (...) Ocorre que a igualdade prisional significou igualdade de repressão e agravamento de punição pela dupla e tripla condição de opressão da maioria esmagadora das mulheres que compõem o sistema prisional. As mulheres têm necessidades diferenciadas e esse uso de respei-

to a um tratamento igual intensifica o contexto de violência a que essas mulheres são submetidas no contínuo desrespeito aos direitos humanos nas unidades prisionais. Um exemplo é a falta de absorventes, fazendo com que várias tenham que recorrer a expedientes alternativos e insalubres, como o uso de miolo de pão em seus ciclos menstruais. Outro exemplo é o uso do papel higiênico, quando é sabido que mulheres utilizam mais o sanitário para urinar do que homens, obrigando-as a situações aviltantes de utilização de pedaços de jornais velhos e sujos para sua higiene íntima.

P. 99

Infelizmente, encarceramento sempre significou mais do que privação de liberdade. No caso das mulheres, enquanto que visibilizamos a violência doméstica no debate público, não trazemos para o centro do debate a invisibilidade e a situação de extrema violência no cárcere. **As prisões dependem da violência para funcionarem. E esse contexto de intensa violência, adquirindo contornos de violência psicológica contra as mulheres de forma muito mais intensa, corrobora um ambiente perverso de relacionamentos abusivos.**

P. 100

[Em 2017] 48,8% das mulheres em situação prisional eram mães (...). Então, essas mulheres poderiam perfeitamente estar respondendo em prisão domiciliar. (...) O direito ao pré-natal é notadamente violado, além dos graves relatos de partos realizados com mulheres algemadas, que ainda persistem, sendo que, em 2016, a Comissão de Constituição e Justiça aprovou, em caráter terminativo, a proibição desse procedimento.

P. 100
P. 101

Um elemento que explicita sobremaneira o caráter sexista como estrutura punitiva no sistema prisional são as revistas, chamadas de “revistas vexatórias”. O nome não existe por acaso. O que se tem nessa prática é muito mais do que uma suposta prevenção e resguardo à segurança de agentes penitenciários, há uma questão explícita política de **controle do corpo de outrem pelo exercício de poder e humilhação**. Muitas mulheres relatam deixar de visitar seus parceiros, suas filhas e seus familiares presos pelos níveis degradantes a que são submetidas nessas revistas.

LUCÍA SÁNCHEZ SAORNIL

TOMBO N. 121569

79

P. 7

Hino das *mujeres*
libres (1937)

Punho ao alto
mulheres do mundo
aos horizontes
grávidos de luz
por rotas ardentes
os pés bem na terra
a frente no céu azul.
Afirmando
promessas de vida
desafiemos a tradição
modelemos
a argila ainda quente
de um mundo
que nasce da dor.
Que o passado
se afunde no nada!
Que nos importa o ontem!
Queremos escrever de novo
a palavra MULHER.
Punho ao alto
mulheres do mundo
aos horizontes
grávidos de luz
por rotas ardentes
adiante adiante
de cara à luz.

P. 45

P. 46

Dir-se-ia que no transcorrer dos séculos, o mundo masculino tem oscilado, frente à mulher, entre dois conceitos extremos: da prostituta à mãe, do abjeto ao sublime. Sem deter-se no estritamente humano: a mulher. A mulher como indivíduo racional, pensante e autônomo. (...) A mãe é o produto da reação masculina frente à prostituta, que é para ele toda mulher. É a deificação da matriz que o abrigou.

A questão feminina
em nossos meios, 2015.

P. 74

P. 75

A ideia de “exilado político” no imaginário comum é preponderantemente masculina, assim como a do “militante político”. (...) o tratamento diferenciado é apontado por várias mulheres que passaram pelo exílio: As mulheres – sobretudo as que são militantes políticas – foram unânimes em falar, em suas entrevistas, sobre o grau inferior de consideração que a sociedade anfitriã lhes concedia. A imagem do herói era sobretudo atribuída aos homens, fazendo com que tivessem maior prestígio social, enquanto militantes políticos e intelectuais.

P. 77

Em alguns depoimentos de brasileiras que passaram pelo Chile [exiladas, na década de 1970], esse período é descrito como uma momento de “retrocesso” em relação à vivência no Brasil. Uma certa “perda de identidade” é relatada por algumas mulheres: Desde que pus os pés fora do Brasil, não fui mais eu mesma: era a mulher do fulano que o pessoal tinha ido buscar.

P. 144

P. 145

Texto do boletim
Nosotras n. 5, maio
de 1974

OS PARTIDOS DE ESQUERDA, EM GERAL, IGNORAM TODA E QUALQUER REIVINDICAÇÃO ESPECIFICAMENTE FEMININA, INTERESSANDO-SE SOMENTE POR AQUELAS QUE PODEM SER INTEGRADAS NO CONTEXTO MAIS AMPLO DA LUTA DE CLASSES. TEMEM QUE TODA MOBILIZAÇÃO SEPARADA DAS MULHERES SIGNIFIQUE CRIAR UM CONFLITO ENTRE OS SEXOS NO SEIO DA CLASSE OPERÁRIA. (...) AO SE FALAR NA LUTA CONTRA O SISTEMA ECONÔMICO QUE OPRIME A TODOS (HOMENS E MULHERES) E DA NECESSIDADE DE SE ACABAR COM UMA OPRESSÃO, PODER-SE-IA ACREDITAR QUE ELA É IDÊNTICA PARA TODO MUNDO. ENTRETANTO A OPRESSÃO DA MULHER VAI MAIS ALÉM DAQUELA EXERCIDA PELO PATRÃO SOBRE O EMPREGADO. OPRIMIDA ECONOMICAMENTE (MAS NÃO SOMENTE OU NEM SEMPRE) POR UM PATRÃO PARTICULAR OU ESTATAL, ELA TAMBÉM O É PELO HOMEM AO QUAL ESTIVER DIRETAMENTE LIGADA. NO LAR A MULHER É SEMPRE DOMINADA POR OUTRO PATRÃO: PAI, MARIDO OU AMANTE.

Feminismo no exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. Alameda, 2014.

P. 10

Em uma sociedade patriarcal, costumamos nos posicionar diante do feminismo. Seja qual for a posição que se assuma, é fato que ele deveria ser sempre pensado de modo analítico, crítico e autocrítico, como se deve fazer quando se tratam de posturas teóricas e práticas que exigem nosso senso de consequência. Só podemos pensar analítica e criticamente se respeitamos o objeto de nossas intenções reflexivas e, ao mesmo tempo, não evitamos realizar a autocrítica. Falo nisso pensando em muitas pessoas, nas que pensam no feminismo como a grande saída para as injustiças e desigualdades sociais e naquelas que não conseguem ver nele mais do que um “ismo”, um termo carregado de ideologia e marcado por um uso apenas espontâneo.

P. 14

Desde que nasce, não é um exagero dizer, uma menina está condenada a um tipo de trabalho que se parece muito com a servidão que, em tudo, é diferente do trabalho remunerado ou do trabalho que se pode escolher dependendo da classe social à qual se pertence. Em muitos contextos, lugares, países e culturas, meninas e jovens, adultas e idosas trabalharão para seu pai, os irmãos, para o marido, para os filhos. Serão, apenas por serem mulheres, condenadas ao trabalho braçal dentro de casa, a serviço de outros que não podem ou não querem trabalhar como elas.

P. 14

P. 15

Mesmo quando tiver um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de modo geral, não fazem o serviço da casa. Acumularão o trabalho remunerado com o não remunerado. Terceiras e, até mesmo, quartas jornadas – vale dizer mais uma vez – nunca remuneradas farão das mulheres escravas do lar com pouco ou nenhum tempo para desenvolverem outros aspectos da própria vida. Todas deverão acreditar que isso é natural e que uma menina ao nascer já vem com uma potência codificada em seu próprio DNA, uma predisposição à servidão. Falo disso sem mencionar a escravidão emocional e psicológica vivida pelas mulheres, o que, a meu ver, resulta também dessa escravidão naturalizada em relação ao trabalho.

Feminismo em comum:
para todas, todes e todos, 2018.

P. 19

(...) as mulheres são convencidas, por meio de uma combinação perversa entre violência e sedução, que a família e o amor valem mais do que tudo, quando, na verdade, o amor de devoção à família serve para amenizar a escravização, que, desmontada, faria bem a todos, menos àqueles que realmente preferem uma sociedade injusta porque se valem covardemente de seus privilégios.

P. 32

A utopia feminista fala de um outro mundo possível, em que ser mulher não significa ser o destinatário de todo tipo de violência. **Não devemos negligenciar que, no patriarcado, o destino das mulheres é a violência.**

P. 37

Não há nada mais absurdo para o patriarcado do que o direito ao corpo. Assim como é importantíssimo que as mulheres sejam donas de sua própria sexualidade e de todo seu corpo, elas devem ser donas de seu corpo reprodutivo. As mulheres precisam reivindicá-lo, porque o corpo feminino, assim como o corpo marcado como negro e o corpo usado – como o do operário –, precisa ser devolvido a si mesmo.

P. 39

P. 40

A misoginia é o discurso de ódio especializado em construir uma imagem visual e verbal das mulheres como seres pertencentes ao campo do negativo. A violência física também é linguagem. Atos de violência, seja verbal ou física, seja espancamento ou estupro, são de uma lógica diabólica, que transforma em negativo tudo aquilo que visa a destruir. (...) A misoginia está presente quando se associa as mulheres à loucura, à histeria, à natureza – como se houvesse uma predisposição que conferisse a elas uma confiabilidade natural, originária. Essa confiabilidade mítica foi criada pelo próprio patriarcado, para abalar a relação das mulheres entre si. **Se as mulheres confiarem em si mesmas e umas nas outras, o sistema sustentado na diferença hierárquica entre homens e mulheres e na estúpida desconfiança sobre a potência das mulheres pode ruir.**

P. 40

O que é um dispositivo? O filósofo francês Michel Foucault definiu o poder como um dispositivo, ou seja, um arranjo. O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade. O feminismo é o contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha.

P. 48

P. 49

Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de bárbarie. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de pesquisa e de memória. (...) O mundo patriarcal não promove o diálogo entre os gêneros que ele mesmo construiu. O patriarcado opressor sempre foi a verdadeira “ideologia de gênero”. Nessa ideologia os homens sempre trataram as mulheres como incapazes para o conhecimento e o poder, como traidoras (o que é confirmado em mitos como o de Pandora e de Eva no Gênesis), como loucas más (...), como se fossem animais domesticados para a força do trabalho e para o alimento sexual. A misoginia, por sua vez, foi o sustentáculo, uma espécie de lastro que autorizava o comportamento masculino contra o diálogo e a favor de toda essa violência.

P. 49

A semelhança entre o poder patriarcal e sua violência tem alguns momentos importantíssimos na história: o sacrifício das jovens e de esposas na Antiguidade grega clássica (...), bem como a execução das bruxas pela inquisição cristã, ligada ao avanço do capitalismo no fim do feudalismo. Essas práticas arcaicas têm relação direta com o assassinato de mulheres que não cessa de se repetir ao longo da história, aquilo que há não muito tempo passamos a chamar de feminicídio. O feminicídio, que para muitos é um tópico menos importante, é uma verdadeira constante cultural.

P. 50

Todas as vezes que as mulheres se tornaram indesejáveis ou inúteis, perigosas ou desobedientes, elas foram perseguidas e mortas. (...) Para docilizar as pessoas marcadas como mulheres, foi inventado o termo “feminino”. O feminino é o termo usado para salvar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal. (...) o feminino nada mais é do que um regime estético-moral para as mulheres marcadas pela negatividade. (...) Podemos nos perguntar se o elogio do feminino, tal como ele é desenhado na lógica patriarcal, serve para esconder o ódio que se têm às mulheres e ao feminismo.

P. 51

É bom lembrar que as vozes nunca são neutras. As vozes feministas, antirracistas e cientes da luta de classes em nossa sociedade alertam que há algo errado na pretensa neutralidade da sociedade patriarcal, ela mesma uma grande propaganda, um sistema de autoelogio que precisa desabonar o outro para sobreviver. Daí a invenção do feminino. Nesse contexto, o termo feminismo é maltratado enquanto cresce o elogio ao feminino. É como se, ao afirmar-se feminista, uma mulher, ou qualquer pessoa, estivesse indo contra o estado natural das coisas, contra aquilo que é tratado pelo discurso como sendo “a verdade”. Essa verdade patriarcal é poder de morte, violência simbólica e física contra as mulheres que, caso se contentem em ser bem femininas e bem dóceis, podem até se salvar do espancamento e da morte.

P. 55

(...) lutar pelos direitos das mulheres é lutar pelos direitos dos negros; lutar pelos direitos dos negros é lutar pelos direitos das mulheres e dos índios, das pessoas trans e dos trabalhadores; lutar pelos direitos dos trabalhadores é lutar pelos direitos das mulheres que são trabalhadoras. Quando lutamos por um lugar de fala lutamos pelo lugar de todos.

P. 56

É o desejo político que surge no lugar de fala. O lugar de fala pede, no entanto, um lugar de escuta. O lugar de fala expressa um desejo de espaço e tempo contra

uma ordem que favorece uns em detrimento de outros. **A escuta é um elemento prático no processo político que precisa ser experimentado com urgência, sobretudo pelos sujeitos que detêm o privilégio da fala.**

P. 56

A escuta política não é dócil. Fala e escuta quando são políticas são sempre tensas. Justamente por isso geram um campo de forças dentro do qual é possível romper com os poderes estabelecidos.

P. 57

(...) a problematização da escuta por si só já perturba a hegemonia da fala, que sempre foi dominada pelos sujeitos autoritários. Daí a complexidade da presença de um lugar de fala no contexto da fala colonizada por sistemas de opressão e poder.

P. 57

P. 58

O espaço de voz foi até hoje do homem branco, situado no topo do sistema social de privilégios. Esse “homem branco” (...) representa o capital sexual (da heterossexualidade compulsória), o capital financeiro, o capital social e intelectual, por fim, o capital comunicacional. O “homem branco” é a metáfora que nos permite entender a proposta de uma outra fala possível para além dele. A autodesmontagem crítica do vodou do homem branco – muitas vezes encarnado em corpos de não homens e não brancos – depende de que essa matriz subjetiva se posicione no lugar de escuta.

P. 58

Na ordem do discurso patriarcal, o “homem branco” é uma figura e uma lógica ao mesmo tempo. Está autorizado a falar sobre todos os assuntos, a fazer o que bem entender, muitas vezes até a perversão, a produzir e reproduzir uma visão de mundo que o favorece. O que se chama de lugar de fala é uma insurgência que afeta o chamado “falogocentrismo”, que é a “fala-poder” ou o “poder-fala” do homem branco. A “fala” é autorizada por um “falo” que sempre esteve em posse dos homens brancos, que dominaram os discursos e a produção da verdade.

P. 61
P. 62

(...) as exigências de desempenho que pesam sobre as mulheres são imensas, e elas não têm muita chance, mesmo quando aderem à ideologia meritocrática. As mulheres serão constantemente preteridas e talvez, de antemão, nem se coloquem em disputa com um homem, porque já se acostumaram a um lugar subalterno e negativo, nessa ordem.

As mulheres terão de pagar caro também na vida profissional apenas por serem mulheres, não apenas no lugar de trabalhadoras, mas no de “carne” – ao qual foram destinadas desde muitos séculos. O que podemos chamar de “cultura do assédio”, no trabalho ou nas ruas – ou na família, ambiente em que acontece a imensa maioria dos estupros e abusos sexuais –, relaciona-se à condição subalterna das mulheres que – por não poderem competir com os homens e porque não são consideradas seres iguais em direitos – devem servir caladas a violência de taras verbais e físicas.

P. 62

[No contexto do sistema capitalista] muitas mulheres se iludem de que estão livres porque adquiriram independência econômica – embora estejam sendo oprimidas pelo próprio sistema que as emprega. (...) as mulheres sempre são as pessoas que recebem menor remuneração e se acumularem a opressão de raça, como as mulheres negras, receberão menos do que todos.

P. 65

(...) o sistema de privilégios continua favorecendo os homens que, na condição de exploradores, em todas as classes – com exceções que confirmam a regra –, lucram com a condição feminina escravizada no contexto dos trabalhos naturalizados e não remunerados.

Essa condição feminina depende de um discurso, de uma espécie de texto que é dito diariamente ou de um subtexto que permanece secreto. O romantismo nas relações familiares, que são muitas vezes as mais cruéis, serve para garantir a função do casamento e da maternidade. As virtudes cristãs das mulheres, tais como a capacidade de cuidar e a compaixão, a compreensão e a atenção ao outro, bem como a feminilidade na forma de delicadeza, da sensualidade e da paciên-

cia, tudo isso serve como texto para ocultar o subtexto do machismo que nos informa “para que serve” uma mulher. E elas servem.

P. 80

Hoje em dia as mulheres reivindicam o direito ao próprio corpo quando exigem a legalização do aborto em países nos quais ele ainda é ilegal (...). As mulheres precisam lutar para defender também suas imagens, capturadas pelo sistema econômico e social e que, nos meios de comunicação de massa, foram transformadas em moeda e mercadoria. Lutar pelo direito à autoimagem é, por outro lado, lutar por uma identidade, reivindicação das pessoas que foram invisibilizadas na opressão do espetáculo que mede as pessoas pela aparência. A identidade é a imagem que temos de nós mesmos. Ao mesmo tempo, para as pessoas que são marcadas e, desse modo, saíram da invisibilidade para uma visibilidade negativa, pode-se lutar também pela superação da própria identidade.

P. 93

A questão da representação das mulheres na vida política também é bastante grande. Quando pensamos nos percentuais ínfimos de participação, ficamos perplexas. **Como é possível quem mesmo que representam mais da metade da população mundial, as mulheres estejam tão longe da política como instância de decisão sobre a sociedade?** De fato são os homens que ocupam os espaços de poder que detêm os privilégios sobre as decisões.

MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES

TOMBO N. 109303

91

Breve história do feminismo no Brasil
e outros ensaios, 2017 (1ª edição: 1993).

P. 21

Ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade. É um ser social, criativo e inovador.

P. 23

Simone de Beauvoir

TODA A HISTÓRIA DAS MULHERES FOI ESCRITA PELOS HOMENS.

P. 23

Há tão grande ausência de registros e informações sobre a mulher e sua condição que muitas afirmam ser o movimento de mulheres algo novo no Brasil. É apenas meia verdade. O movimento feminista brasileiro atual tem, sem dúvida, características inovadoras e de dimensões ainda difíceis de projetar num futuro próximo. Mas suas raízes podem ser localizadas em lutas anteriormente travadas consciente ou inconscientemente por mulheres intelectualizadas ou por grupo de mulheres de origem popular: negras nos quilombos, trabalhadoras no mercado de trabalho ou aquelas que individualmente participaram de acontecimentos políticos.

P. 24

Mesmo as mulheres que foram protagonistas de movimentos sociais, como as lutas pela reforma agrária, pelo direito à moradia, pela incorporação dos direitos das trabalhadoras rurais e domésticas à legislação trabalhista, não têm tido condições de escrever sua própria história. O material encontrado em arquivos, os documentos oficiais e outros enfatizam quase exclusivamente interesses das elites, em que o homem branco é que sobressai. Há poucos registros da participação feminina no período colonial, quando as mulheres eram, em maioria, negras, índias e brancas prostitutas. Somente a partir da vinda das mulheres da classe dominante, que antecede um pouco a chegada da Corte de Portugal, (...) é que se consegue alguma documentação. Quando não há como deixar de registrar a participação das mulheres, o fazem como se estas agissem individualmente, como loucas, prostitutas, enfim, desajustadas. (...) só chamam de heroínas, o que é raríssimo, aquelas que fizeram um ato corajoso, mas ao lado dos seus maridos, ou, num gesto extremo, deram a vida para salvar os homens.

P. 30

À mulher ensinavam apenas a lavar, coser e fazer renda. Instrução – leitura, escrita e contas – era coisa de homens. Consta que, em São Paulo, no século XVII, apenas duas mulheres sabiam assinar o nome. E, para a mulher receber alguma instrução, tinha de entrar no convento.

P. 31

(...) a divisão do trabalho por sexo se consolidou na Colônia, fortalecendo a dupla opressão da mulher: de sexo e de

classe. O machismo e a exploração econômica serviram de sistema global de dominação patriarcal e de classe.

P. 31

Houve mulheres negras que se recusaram a participar da manutenção da escravatura, praticando o aborto e até matando seu filho recém-nascido, como forma de impedir que um novo escravo surgisse.

P. 47

Tal era o menosprezo às mulheres, consideradas seres inferiores ou crianças, que as Constituições latino-americanas do século XIX sequer proibiam o voto feminino, pois título de cidadão era somente dado aos homens.

P. 49

A mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalhos maiores. Poucas referências encontramos quanto às trabalhadoras. Lutavam juntamente com os homens, embora suas conquistas fossem sempre menores.

P. 69

A luta pela libertação da mulher não deveria em nenhum momento ser desvinculada da busca de soluções dos problemas mais gerais da sociedade. Mas em raríssimas oportunidades as forças políticas que se propõem a travar as lutas gerais elegeram a questão da mulher como fundamental para o desenvolvimento do próprio processo de libertação do povo.

P. 69

As mulheres foram incorporadas às organizações de esquerda, tanto no campo como nas cidades. Mas essas organizações relutaram em absorver a mulher militante de maneira mais adequada ao papel que ela já vinha desempenhando nas diversas áreas da vida social e econômica, talvez por considerarem que as ações guerreiras só diziam respeito aos homens.

P. 163

A história da condição da mulher brasileira não foge à regra universal de opressão da população feminina ao longo dos tempos. No Brasil Colônia, as índias, as negras e as brancas, cada

uma com sua especificidade, foram exploradas pelos colonizadores e pela população masculina. Ingenuamente serviram ao pai, ao patrão e ao marido, manipuladas pela Igreja. Ocuparam um lugar secundário na incipiente sociedade brasileira da qual foram, desde o início, excluídas. (...) No Brasil Imperial, a condição da mulher permaneceu imutável no seu papel de mãe, esposa e dona-de-casa. Os centros de decisão política eram exclusivos aos homens.

P. 165

A participação das mulheres na luta armada teve um caráter ambíguo, devido à misoginia existente também no meio da esquerda e à impossibilidade de as mulheres formularem naquele momento suas reivindicações específicas. A solução para as questões da mulher não chegou a fazer parte dos objetivos da luta armada.

P. 237

A ignomínia de crianças nascidas de estupros praticados por agentes de Estado existiu apesar de ser um assunto interdito ainda nos dias de hoje. O silêncio permanente que paira sobre o assunto tem muitas razões. A profunda humilhação de ser uma mulher estuprada por militares/policiais e ainda ser mãe de uma criança filha de estupro. Se ainda nos dias de hoje a palavra da mulher não tem credibilidade, imagina, então, naqueles tempos em que a mulher era assunto censurado e subversivo. Não existem ainda ações políticas no sentido de oferecer condições e oportunidades para uma narrativa pública sobre o estupro e demais violências cometidas em dependências militares e policiais.

P. 287

Enquanto as mulheres apanharam em silêncio, a violência de gênero foi sistematicamente naturalizada e sua prática estrategicamente autorizada pelo Estado e pela sociedade. Justificavam assim a violência contras as mulheres como “fenômeno próprio da natureza humana”. (...) O ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” reforçava o silêncio em torno do assunto.

P. 291

As mulheres assassinadas, devido à violência doméstica, familiar e sexual, fazem parte do cotidiano de ontem e de hoje.

Tais assassinatos ocorreram e ocorrem de maneira invisível ou quase ao longo da existência do Estado brasileiro. Não há um cadastro dessas mortes e, muitas vezes, sequer a violência de gênero é identificada como causa mortis principal. Portanto, as estatísticas são muito aquém da realidade.

P. 293

A violência contras as mulheres é fato antigo, fruto de relações desiguais entre homens e mulheres, historicamente construídas e que se consolidam no processo de socialização tanto da família como na escola e demais instituições. (...) Não se associam os atos violentos com a possibilidade de que possam levar ao assassinato. No entanto, o ato de violência contra as mulheres pode levar à morte.

Mulheres e poder: um manifesto, 2018.

P. 11

No que diz respeito a silenciar as mulheres, a cultura ocidental tem milhares de anos de prática.

P. 21

No início do século IV a.C., Aristófanes dedicou uma comédia inteira à “hilarante” fantasia de que as mulheres deveriam assumir o controle do Estado. Parte da graça era que as mulheres não sabiam falar adequadamente em público – ou melhor, eram incapazes de adaptar sua linguagem pessoal (que, no caso, era amplamente ligada ao sexo) ao sublime idioma da política masculina. No mundo romano, *Metamorfoses*, de Ovídio (...) volta por diversas vezes à ideia do silenciamento das mulheres (...).

P. 28

Como colocou um guru do século II d.C., “uma mulher deveria, com a mesma modéstia, evitar a exposição de sua voz aos forasteiros tanto quanto teria evitado se despir diante deles”. (...) Essa “mudez” não é apenas um reflexo do esvaziamento geral do poder feminino em todo o mundo clássico: nenhum direito de voto, independência legal e econômica limitada (...). Sem dúvida, não se esperava das mulheres antigas que levantassem a voz numa esfera política em que não tinham participação formal alguma. Mas estamos lidando com uma exclusão muito mais ativa e intensa das mulheres no discurso público (...). O que quero dizer é que o discurso público e a oratória não eram apenas coisas que as mulheres *não faziam*: eram práticas e habilidades que definiam a masculinidade como gênero.

P. 29

Na maioria das circunstâncias [no mundo clássico], uma mulher que falasse em público não era, por definição, uma mulher.

P. 30
P. 31

Um conferencista e intelectual do século II d.C. (...) pediu à plateia que imaginasse uma situação em que “toda uma comunidade fosse contaminada pela seguinte estranha enfermidade: todos os homens, de repente, teriam vozes femininas e nenhum varão – criança ou adulto – poderia se expressar de forma masculina. Não pareceria essa a praga mais terrível e difícil de suportar? Estou certo que iriam todos a um santuário, consultar os deuses e tentar apaziguar o poder divino com muitas oferendas”. Ele não estava brincando.

Essa não é uma ideologia peculiar de alguma cultura distante. Talvez distante no tempo. Mas quero sublinhar que essa é uma tradição do discurso associado ao gênero – da qual, direta ou, com mais frequência, indiretamente, somos ainda herdeiros.

P. 32

(...) não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que se define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura.

P. 40

O que se diz das mulheres quando abrem um processo público, quando defendem sua posição, quando se manifestam? “Estridentes”, elas “se queixam” e “se lamentam”. (...) Essas palavras importam? Claro que sim, porque sustentam um vocabulário que age para solapar a autoridade, a força e até o humor do que uma mulher tem a dizer. Trata-se de termos que de fato recolocam as mulheres de volta na esfera doméstica (...); trivializam suas palavras, as “reprivatizam”.

P. 40
P. 41

Ainda hoje acontece de, ao escutar uma voz feminina, o público não ouvir uma voz que transmite autoridade; ou talvez não tenha aprendido a reconhecer nela a autoridade (...).

MICHELE ASMAR FANINI

TOMBO N. 107472

101

A (in)visibilidade de um legado – seleta
de textos dramáticos inéditos de Júlia
Lopes de Almeida, 2016.

P. 19

Para as mulheres, trilhar os caminhos de profissionalização literária significava contrariar expectativas sociais naturalizadas em torno dos papéis que tradicionalmente lhes competiam desempenhar, estritamente relacionados ao âmbito privado (maternidade e afazeres domésticos). O peso do gênero sobre o destino social das escritoras era tal que aquelas que conseguiam transpor a barreira do anonimato (...) não raro eram vistas como excepcionais, casos isolados, pontos fora da curva, dotadas de um talento incomum.

O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, 2018 (1ª edição: 1990).

P. 29

A beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro. Como qualquer sistema ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram.

P. 30
P. 31

Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência de algo não mais elevado do que a necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contraofensiva contra as mulheres. Se o mito da beleza não se baseia na evolução, no sexo, no gênero, na estética, nem em Deus, no que se baseia então? Ele alega dizer respeito à intimidade, ao sexo e à vida, um louvor às mulheres. Na realidade, ele é composto de distanciamento emocional, política, finanças e repressão sexual. O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional pelos homens.

P. 31

O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência. A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. (...) O envelhecimento da mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem ser sempre rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas.

P. 33

Desde a Revolução Industrial, as mulheres ocidentais da classe média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material. (...) A ascensão do mito da beleza foi somente uma dentre as várias ficções sociais incipientes que se disfarçavam como componentes naturais da esfera feminina para melhor encerrar as mulheres que ali estavam. Surgiram simultaneamente outras ficções: uma visão da infância que exigia permanente supervisão materna; uma concepção da biologia feminina que forçava as mulheres de classe média a fazerem o papel de histéricas e hipocondríacas; uma convicção de que as mulheres respeitáveis não tinham sensibilidade sexual; e uma definição do trabalho feminino com tarefas repetitivas, demoradas e trabalhosas como, por exemplo, o bordado e a renda feita a mão.

P. 36

Por que motivo a ordem social sente necessidade de se defender evitando a realidade das mulheres, nosso rosto, nosso corpo, nossa voz, e reduzindo o significado das mulheres a essas “belas” imagens formuladas e reproduzidas infinitamente?

P. 37

Assim que o valor social básico da mulher já não pôde ser definido pela encarnação da domesticidade virtuosa, o mito da beleza o redefiniu como a realização da beleza virtuosa.

P. 138

(...) as mulheres têm uma curtíssima tradição de participação na autoridade religiosa e uma longuíssima tradição de submissão a essa autoridade. Embora raramente controlassem os lucros, era frequente que colaborassem com o pouco que tinham, sem questionamentos.

P. 140

Embora Deus tenha criado Adão do barro, a sua imagem, Eva é uma costela descartável. Deus insuflou a vida diretamente nas narinas de Adão, animado seu corpo com divindade. O corpo de Eva, porém, é afastado mais um grau da mão do Criador, matéria imperfeita nascida da matéria. O Gênesis esclarece por que motivo são as mulheres que, na maioria das vezes, precisam oferecer seu corpo a qualquer olhar masculino que lhes dê legitimidade. “A beleza” dos nossos dias dá ao corpo feminino a legitimidade que Deus lhe recusou. Muitas mulheres não acreditam que são lindas enquanto não conquistarem a chancela oficial de aprovação que os corpos masculinos possuem em nossa cultura simplesmente pelo fato de a Bíblia afirmar que eles são as imagens do Pai. Essa chancela precisa ser adquirida ou conquistada de uma autoridade masculina, um duplê do Deus Pai: um cirurgião, um fotógrafo ou um jurado.

P. 141

P. 142

Enquanto apenas um homem em cada dez se sente “extremamente insatisfeito” com seu corpo, um terço das mulheres está “extremamente insatisfeita” com o delas. (...) A carne feminina é uma comprovação de uma injustiça de origem divina, enquanto homens gor-

dos são deuses gordos. A verdadeira demografia da obesidade não faz diferença porque essa religião [Os Ritos da Beleza] não quer saber de quem é o corpo gordo, mas de quem é o corpo errado.

P. 145

A cultura moderna reprime o apetite oral da mulher da mesma forma que a cultura vitoriana, através dos médicos, reprime o apetite sexual feminino: do alto da estrutura de poder para baixo, com um objetivo político. Quando a atividade sexual feminina perdeu seus valiosos castigos, os Ritos [da Beleza] tomaram o lugar do medo, da culpa e da vergonha que as mulheres sabiam que deveriam sempre acompanhar o prazer.

P. 158

A aparência das mulheres é considerada importante porque aquilo que dizemos não o é.

P. 226

A sexualidade feminina não é apenas definida de forma negativa, mas também elaborada de forma negativa. Somos vulneráveis à absorção da interferência do mito da beleza em nossa sexualidade porque nossa educação sexual foi programada para garantir essa vulnerabilidade. A sexualidade feminina é virada pelo avesso desde o nascimento, para que a "beleza" assuma seu lugar, mantendo os olhos das mulheres voltados para o próprio corpo, olhando de relance para cima, só para verificar a imagem refletida nos olhos dos homens.

P. 228

P. 229

A masturbação feminina não é erotizada para as *mulheres*. Cada mulher tem que aprender sozinha, a partir do nada, a se sentir um ser sexual (muito embora ela constantemente aprenda a aparentar a sua sexualidade) (...) Largada sozinha no escuro, ela tem pouquíssimas opções. Terá de absorver as fantasias da cultura dominante como se fossem suas.

P. 388

O mito da beleza combateu as novas liberdades das mulheres transpondo diretamente para nosso corpo e nosso rosto os limites sociais impostos à vida da mulher. Em consequência

disso, precisamos agora nos fazer as perguntas sobre nosso lugar no nosso corpo, da mesma forma que as mulheres da geração passada questionaram sobre seu lugar na sociedade.

P. 388

A ideia de que o corpo de uma mulher tem fronteiras que não podem ser invadidas é bastante recente. Está evidente que não desenvolvemos essa ideia o suficiente. Podemos ampliá-la? Ou será que as mulheres são o sexo maleável, inatamente adaptado a ser modelado, cortado e submetido à invasão física? O corpo feminino merece a mesma noção de integridade do corpo masculino?

A mãe de todas as perguntas:
reflexões sobre os novos
feminismos, 2017

P. 14

(...) não existem *mulheres* – esses 51% da espécie humana com necessidades tão variadas e desejos tão misteriosos quanto os outros 49% –, mas apenas a *mulher*, aquela que deve se casar, ter filhos, deixar os homens entrarem e os bebês saírem, como um elevador da humanidade.

P. 20

Uma das razões pelas quais as pessoas se prendem à maternidade como elemento essencial da identidade feminina é a crença de que são os filhos que permitem consumir a capacidade de amar. Mas há tantas coisas a amar além da própria prole, tantas coisas que precisam de amor, tantas outras tarefas no mundo que cabem ao amor...

P. 27

Audre Lorde

O QUE EU LAMENTAVA ERAM MEUS SILÊNCIOS... E SÃO TANTOS SILÊNCIOS A ROMPER.

P. 27

O silêncio equivale à morte (...) O silêncio é o oceano do não dito, do indizível, do reprimido, do apagado, do não ouvido. Ele cerca as ilhas dispersas formadas pelos que foram autorizados a falar, pelo que pode ser dito e pelos ouvintes. O silêncio ocorre de muitas maneiras e por muitas razões; todos nós temos o nosso próprio mar de palavras não ditas.

P. 28

O silêncio é o que permite que as pessoas sofram sem remédio, o que permite que as mentiras e hipocrisias cresçam e floresçam, que os crimes passem impunes. Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres.

P. 29

P. 30

Não poder contar a sua história pessoal é uma agonia, uma morte em vida que às vezes se torna literal. Se ninguém ouve quando você diz que seu ex-marido está tentando matá-la, se ninguém acredita quando você diz que está sofrendo, se ninguém escuta quando você pede socorro, se você não se atreve a pedir socorro, se você foi ensinada a não incomodar os outros pedindo socorro. Se consideram que você saiu da linha ao falar numa reunião, se não é admitida numa instituição de poder, se está sujeita a críticas impropriedades que trazem implícito que ali não é lugar de mulher ou que mulher não é para ser ouvida. Histórias salvam a sua vida. Histórias são a sua vida. Nós somos as nossas histórias, que podem ser a prisão ou o pé de cabra que vai arrombar a porta; criamos histórias que nos salvam ou que nos prendem, a nós ou a outros, histórias que nos elevam ou nos esmagam contra o muro de pedra dos nossos medos e limitações.

A libertação sempre é, em parte, um processo de contar uma história: romper histórias, romper silêncios, criar novas histórias. Uma pessoa livre conta a sua história própria. Uma pessoa valorizada vive numa sociedade em que a história ocupa um lugar.

P. 30

A violência contra a mulher muitas vezes se dá contra as nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e participar, de interpretar e narrar.

P. 30

Um marido bate na mulher para silenciá-la; um namorado ou um conhecido estuprador impede que o “não” de sua vítima signifique o que deveria significar, isto é, que a jurisdição sobre o seu corpo pertence apenas a ela; a cultura do estupro afirma que o depoimento das mulheres não tem valor, não merece confiança; os ativistas contra o aborto também procuram silenciar a autodeterminação das mulheres; um assassino silencia para sempre.

P. 30

Esses silenciamentos ocorrem nas menores coisas: as pessoas assediadas se entocam no silêncio on-line, abafadas ou interrompidas na conversa, menosprezadas, humilhadas, desconsideradas. Ter voz é fundamental. (...) podemos considerar a história dos direitos e a falta de direitos das mulheres como uma história do silêncio e do rompimento do silêncio.

P. 30

P. 31

Às vezes, a mera possibilidade de falar, de ser ouvida e ser acreditada é parte essencial do pertencimento a uma família, uma comunidade, uma sociedade. Às vezes, as nossas vozes destroçam essas coisas, às vezes, essas coisas são prisões. (...) **quando as palavras rompem o indizível, o que era tolerado numa sociedade às vezes passa a ser intolerável.**

P. 35 Se ter voz, poder falar, ser ouvido e acreditado é essencial para ser um participante, uma pessoa com poder, um ser humano com pleno reconhecimento, então é importante reconhecer que o silêncio é a condição universal da opressão, e existem muitas espécies de silêncio e de silenciados.

P. 37 O silêncio foi a condição histórica das mulheres, às quais, salvo raras exceções, negava-se instrução e papéis na vida pública – cargos como juízas, preladadas e praticamente qualquer outro com o uso da palavra.

P. 39 Na paisagem do silêncio, há três domínios que se alternam: o silêncio imposto de dentro, aquele imposto de fora e o que existe em torno, que ainda não foi nomeado, reconhecido, descrito ou admitido. Não são distintos; alimentam-se mutuamente, e o que é e não é dito torna-se incognoscível e vice-versa, até que algo se rompe.

P. 63 Homens e mulheres recebem tipos e quantidades diferentes de espaços para ocupar, em termos literais, geográficos, conceituais e conversacionais. Isso é mensurável nos filmes, mas também existe na vida real.

P. 74 **OS MEUS SILÊNCIOS NÃO ME PROTEGERAM. O SILÊNCIO DE VOCÊS NÃO AS PROTEGERÁ.**

Audre Lorde

P. 93 Mulheres começaram a contar suas histórias de assédios, ameaças violências e medo, fortalecendo suas vozes mutuamente. A mudança começa pelas margens e avança pelo centro; as redes sociais tornaram as beiradas mais fortes e o avanço das margens para o centro mais rápido – ou talvez tenham até borrado essa distinção, já que às vezes a mídia *mainstream* corre para pegar um debate público vibrante na mídia alternativa e nas redes sociais.

P. 154

Em 2014, quando as mulheres queriam falar sobre violência sexual [nas redes sociais], muitas vezes eram confrontadas por homens que queriam se concentrar no fato de que nem todos os homens são estupradores. Esse subconjunto de homens até criou uma hashtag, *#notallmen*, **como se a questão central fossem eles, com sua reputação e suas comodidades**, e não esse flagelo sobre a Terra. (...) os estupradores estão longe (...) de abranger todos os homens (...), mas praticamente todos os estupradores são homens, e assim tem sua utilidade poder dizer que homens estupram (e homens e garotos também são estuprados, mas muito menos do que mulheres e meninas).

Os homens explicam
tudo para mim, 2017.

P. 15

Os homens explicam coisas para mim, e para outras mulheres, quer saibam ou não do que estão falando. Alguns homens.

Toda mulher sabe do que eu estou falando. São as ideias preconcebidas que tantas vezes dificultam as coisas para qualquer mulher em qualquer área; que impedem as mulheres de falar, e de serem ouvidas quando ousam falar; que esmagam as mulheres jovens e as reduzem ao silêncio, indicando, tal como ocorre com o assédio nas ruas, que esse mundo não pertence a elas. É algo que nos deixa bem treinadas em duvidar de nós mesmas e a limitar nossas próprias possibilidades – assim como treina os homens a ter essa atitude de autoconfiança total sem nenhuma base na realidade.

P. 15

(...) essa síndrome é uma guerra que as mulheres enfrentam todos os dias, e também uma guerra dentro de si mesmas – essa convicção de que são supérfluas, esse convite ao silêncio.

P. 16

P. 16

[Há países do Oriente Médio] onde a palavra da mulher não tem valor legal: **uma mulher não pode afirmar em juízo que foi estuprada sem apresentar um homem como testemunha para contradizer a palavra do estuprador.** E esse homem raramente aparece para testemunhar.

P. 17

A violência é uma maneira de silenciar as pessoas, de negar-lhes a voz e a credibilidade, de afirmar que o direito de alguém de controlar vale mais do que o direito delas de existir, de viver.

P. 18 Nos Estados Unidos, cerca de três mulheres são assassinadas *todos os dias* pelo cônjuge ou ex-cônjuge. É uma das principais causas de morte de mulheres grávidas no país. No cerne da luta do feminismo para dar *status* legal de crime ao estupro, estupro no namoro, estupro marital, violência doméstica e assédio sexual no trabalho existe a necessidade básica de dar voz e credibilidade às mulheres .

P. 19 (...) deve haver bilhões de mulheres por aí, neste planeta de 7 bilhões de pessoas, sendo informadas de que não são testemunhas confiáveis de suas próprias vidas, que a verdade não é propriedade delas, nem agora, nem nunca.

P. 21 (...) os homens que explicam tudo para mim continuam presumindo que eu sou, numa espécie de metáfora uterina obscena, um recipiente vazio, pronto para ser preenchido com a sabedoria e o conhecimento deles. Um freudiano saberia dizer o que é que eles têm e eu não tenho; mas a inteligência não se localiza no meio das pernas.

P. 22 **A maioria das mulheres luta em duas frentes – uma pelo tópico em questão, qualquer que seja, e outra simplesmente pelo direito de falar**, de ter ideias, de ser reconhecida como alguém que está de posse dos fatos e de verdades, que tem valor, que é um ser humano.

P. 37 A pandemia da violência sempre é explicada por qualquer motivo, menos o gênero do agressor – a explicação mais ampla de todas.

P. 43 **No mundo todo, as mulheres entre 15 e 44 anos têm mais probabilidade de morrer ou de serem mutiladas pela violência masculina do que por câncer, malária, guerras e acidentes de trânsito, tudo somado.**

P. 95
P. 96 Quando eu era jovem, houve estupros de mulheres no campus de uma grande universidade e a resposta das autoridades foi dizer a todas as alunas que não deviam sair sozinhas depois do escurecer, ou não sair nunca, de modo geral. Entrem em casa, já para dentro! (Para uma mulher, o confinamento está sempre à espera para envolvê-la). Alguns brincalhões colocaram um cartaz anunciando outro remédio: que todos os homens fossem excluídos do campus depois do escurecer. Era uma solução igualmente lógica, mas os homens ficaram chocados ao serem convidados a desaparecer, a perder sua liberdade de ir e vir (...) como devemos chamar os milênios de desaparecimento das mulheres – da esfera pública, da genealogia, do *status* legal, da voz, da vida?

P. 96
P. 97 (...) **cerca de 66 mil mulheres são assassinadas anualmente por homens em todo o mundo (...). Na sua maioria são mortas pelo amante, o marido, o ex-parceiro, que buscam a forma mais extrema de repressão, o modo derradeiro de apagar, silenciar, fazer alguém desaparecer. Com frequência essas mortes vêm após anos, ou décadas, de terem sido silenciadas e apagadas em casa, na vida diária, pelas ameaças e pela violência. Algumas mulheres vão sendo apagadas aos poucos, outras de uma só vez. Algumas reaparecem. Toda mulher que aparece luta contra as forças que desejam fazê-la desaparecer. Luta contra as forças que querem contar a história dela no lugar dela, ou omiti-la da história, da genealogia, dos direitos do homem, do estado de direito. A capacidade de contar sua própria história, em palavras ou imagens, já é uma vitória, já é uma revolta.**

P. 134 Não é incomum, quando uma mulher diz algo que contesta um homem, em especial um homem poderoso ou muito proeminente na sociedade (...), ou uma instituição, especialmente se tem a ver com sexo, a reação vai questionar não apenas os fatos que a mulher afirma, mas também a sua capacidade de falar e seu direito de falar. Gerações de mulheres já foram

chamadas de delirantes, confusas, manipuladoras, malévolas, conspiratórias, congenitamente desonestas, e muitas vezes tudo isso de uma só vez.

P. 137

Histeria é uma palavra cuja raiz vem da palavra grega para “útero”; pensava-se ser causada por um útero deslocado; os homens estavam categoricamente isentos dessa condição ou doença, que hoje significa apenas ser incoerente, estar muito estressado, e talvez confuso. No final do século XIX, as mulheres eram rotineiramente diagnosticadas como histéricas.

P. 139

[É] especialmente quando as mulheres falam sobre transgressões sexuais que seu direito de falar e a sua capacidade de falar passam a sofrer ataques.

P. 144

P. 145

(...) quando uma mulher diz algo incômodo sobre a má conduta masculina, ela é rotineiramente retratada como louca, delirante, uma conspiradora maldosa, uma mentirosa patológica, uma chorona que não percebe que foi tudo brincadeira – ou todas as alternativas acima.

P. 147

Judith Herman

O SEGREDO E O SILÊNCIO SÃO A PRIMEIRA LINHA DE DEFESA DO AGRESSOR. SE O SEGREDO FALHAR, O PERPETRADOR ATACA A CREDIBILIDADE DA VÍTIMA, SE NÃO CONSEGUIR SILENCIÁ-LA POR COMPLETO, ELE TENTA GARANTIR QUE NINGUÉM A ESTÁ OUVINDO. (...) QUANTO MAIS PODEROSO FOR O PERPETRADOR, MAIOR A SUA PRERROGATIVA DE NOMEAR E DEFINIR A REALIDADE, E MAIS COMPLETAMENTE IRÃO PREVALECER OS SEUS ARGUMENTOS.

P. 148

A implicação de que as mulheres, como categoria, não são pessoas de confiança e que o verdadeiro problema são as falsas acusações de estupro está sendo usada para silenciar as mulheres, para evitar discutir a violência sexual e retratar os homens como as principais vítimas.

P. 159

P. 160

(...) a resposta clichê dos homens sobre os relatos de opressão das mulheres: “Nem todos os homens são assim” [gera comentários como:] “O que eles querem? Ganhar um biscoitinho por não bater, estuprar nem ameaçar as mulheres?”. As mulheres sentem o tempo todo o medo de serem estupro e assassinadas, e por vezes é mais importante falar sobre isso do que proteger o bem-estar masculino.

P. 167

P. 168

A expressão “cultura do estupro” nos ajudou a parar de fingir que o estupro é uma anomalia, que não tem nada a ver com a cultura de modo geral, ou é até mesmo oposta aos seus valores. Se fosse assim, um quinto de todas as mulheres norte-americanas (e um homem em cada 71) não seriam sobreviventes de estupros (...). O termo “cultura do estupro” nos permite começar a pensar que a raiz do problema está na cultura como um todo.

P. 172

P. 173

Um homem age com a convicção de que você não tem o direito de falar, nem de definir o que está acontecendo. Isso pode significar apenas interromper você à mesa de jantar ou num congresso. Também pode significar mandar você calar a boca, ou ameaçar caso você abra a boca, ou bater em você por ter falado, ou matá para silenciar você para sempre. Ele pode ser seu marido, seu pai, seu chefe ou editor, ou um estranho em alguma reunião ou num trem, ou um cara que você nunca viu e que está com raiva de alguma outra pessoa, mas julga que “as mulheres” constituem uma categoria tão pequena que você pode substituir esta por “aquela”.

P. 187

Há uma polícia voluntária que procura manter as mulheres no seu lugar, ou colocá-las de volta no seu lugar. O mundo on-line está cheio de ameaças, em geral anônimas, de estupro e morte para as mulheres que se destacam (...).

Calibã e a bruxa: mulheres,
corpo e acumulação primitiva, 2017.

P. 176

Na França, um édito real de 1556 requeria que as mulheres registrassem cada gravidez e sentenciava à morte aquelas cujos bebês morriam antes do batismo, depois de um parto às escondidas, não importando se fossem consideradas culpadas ou inocentes de sua morte. Estatutos semelhantes foram aprovados na Inglaterra e na Escócia em 1624 e 1690. Também **foi criado um sistema de espionagem com finalidade de vigiar as mães solteiras e privá-las de qualquer apoio.** Até mesmo hospedar uma mulher grávida solteira era ilegal, por temor de que pudessem escapar da vigilância pública; e quem fizesse amizade com ela era exposto à crítica pública.

P. 176
P. 177

(...) as mulheres começaram a ser processadas em grande escala e, nos séculos XVI e XVII, mais mulheres foram executadas por infanticídio do que por qualquer outro crime, exceto bruxaria, uma acusação que também estava centrada no assassinato de crianças e em outras violações das normas reprodutivas. (...) Além disso, a suspeita que recaiu sobre as parteiras neste período – e que levou à entrada de médicos homens na sala de partos – provinha mais do medo que as autoridades tinham do infanticídio do que qualquer outra preocupação pela suposta incompetência médica das parteiras. **Com a marginalização das parteiras, começou um processo pelo qual as mulheres perderam o controle que haviam exercido sobre a procriação, sendo reduzidas a um papel passivo no parto**, enquanto os médicos homens passaram a ser considerados como “aqueles que realmente davam vida”. (...) Com esta mudança, também teve início o predomínio de uma nova prática médica que, em caso de emergência, priorizava a vida do feto em detrimento à vida da mãe. Isto contrasta com o processo de nascimento habitual que as mulheres haviam controlado. E, para que efetivamente ocorresse, a comunidade de mulheres que se reunia em torno da cama da futura mãe teve que ser expulsa da sala de partos, ao mesmo tempo que as parteiras eram postas sob vigilância do médico ou eram recrutadas para policiar outras mulheres.

P. 177
P. 178

Na França e na Alemanha as parteiras tinham que se tornar espiãs do Estado se quisessem continuar com a prática. Esperava-se delas que informassem sobre todos os novos nascimentos, que descobrissem os pais das crianças nascidas fora do casamento e que examinassem as mulheres suspeitas de ter dado à luz em segredo. (...) Nos países e nas cidades protestantes esperava-se que os vizinhos espiassem as mulheres e informassem sobre todos os detalhes sexuais rele-

vantes: se uma mulher recebia um homem quando o marido estava ausente, ou se entrava numa casa com um homem e fechava a porta. Na Alemanha, a cruzada pós-natalista atingiu tal ponto que **as mulheres eram castigadas se não faziam esforço suficiente durante o parto, ou se demonstravam pouco entusiasmo por suas crias.**

O resultado destas políticas, que duraram duzentos anos (as mulheres continuavam sendo executadas na Europa por infanticídio no final do século XVIII), foi a escravização das mulheres à procriação. (...) **seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista.**

P. 178

(...) O corpo feminino foi transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força do trabalho, tratado como uma máquina natural de criação, funcionando de acordo com ritmos que estavam fora do controle das mulheres.

P. 180

Na realidade, as mudanças na procriação e na população estão longe de ser automáticas ou “naturais” que, em todas as fases do desenvolvimento capitalista, o Estado teve que recorrer à regulação e à coerção para expandir ou reduzir a força de trabalho.

P. 180

(...) O Estado não poupou esforços na sua tentativa de arrancar das mãos femininas o controle da reprodução e da determinação sobre onde, quando ou em que quantidade as crianças deveriam nascer.

P. 180

Ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero de uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma, como acontece no caso de uma gravidez indesejada.

P. 181

A criminalização do controle das mulheres sobre a procriação é um fenômeno cuja importância não pode deixar de ser enfatizada, tanto do ponto de vista de seus efeitos sobre as mulheres, quanto por suas consequências na organização capitalista do trabalho. Está bem documentado que, durante a Idade Média, as mulheres haviam contado com muitos métodos contraceptivos, que consistiam basicamente em ervas transformadas em poções ou “pessários” (supositórios vaginais) usados para estimular a menstruação, para provocar um aborto ou para criar uma condição de esterilidade.

P. 181
P. 182

(...) ao negar às mulheres o controle sobre seus corpos, o Estado privou-as da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado, além de confinar as mulheres à atividade reprodutiva de um modo desconhecido por sociedades anteriores.

P. 182

[No final do século XVII] as mulheres haviam perdido espaço, inclusive em empregos que haviam tradicionalmente ocupado, como a fabricação de cerveja e a realização de partos. (...) Dizia-se até mesmo que qualquer trabalho feito por mulheres em sua casa era “não trabalho” e não possuía valor, mesmo quando voltado para o mercado.

P. 184

(...) as mulheres aceitavam esta ficção e até mesmo se desculpavam por pedir trabalho, suplicando por um serviço devido à necessidade de se manterem. Rapidamente, todo o trabalho feminino, quando realizado em casa, seria definido como “tarefa doméstica”, e até mesmo quando feito fora de casa era pago a um valor menor do que o trabalho masculino – nunca o suficiente para que as mulheres pudessem sobreviver dele.

P. 184

O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher, e a incapacidade das mulheres de sobreviverem sozinhas era algo dado como tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, era expulsa, mesmo se ganhasse um

salário. Somada à expropriação das terras, essa perda de poder em relação ao trabalho assalariado levou à massificação da prostituição.

P. 185
P. 187

Porém, logo que a prostituição se tornou a principal forma de subsistência para uma grande parte da população feminina, a atitude institucional a respeito dela mudou. Enquanto na Baixa da Idade Média a prostituição havia sido aceita oficialmente como um mal necessário, e as prostitutas haviam se beneficiado de um regime de altos salários, no século XVI a situação se inverteu. Num clima de imensa misoginia, caracterizada pelo avanço da Reforma Protestante e pela caça às bruxas, a prostituição foi inicialmente sujeita a novas restrições e, depois, criminalizada.

P. 187
P. 188

Embora o trabalho assalariado das mulheres e os trabalhos domésticos e sexuais (remunerados) ainda sejam estudados com muita frequência isolados uns dos outros, agora nos encontramos numa melhor posição para ver que a discriminação sofrida pelas mulheres como mão de obra remunerada esteve diretamente relacionada à sua função como não assalariadas no lar. **Dessa forma, podemos relacionar a proibição da prostituição e a expulsão das mulheres do espaço de trabalho organizado com a aparição da figura da dona de casa e da redefinição da família como lugar para a produção da força de trabalho.**

P. 188
P. 189

Aquelas que ousaram trabalhar fora do lar, em um espaço público e para o mercado, foram representadas como megeras sexualmente agressivas ou até mesmo como “putas” ou “bruxas”.

P. 191

[Forjou-se, então] uma nova divisão sexual do trabalho, ou melhor dizendo um novo “contrato sexual” (...), que definia as mulheres em termos – mães, esposas, filhas, viúvas – que

ocultavam sua condição de trabalhadoras e davam aos homens livre acesso aos seus corpos, a seu trabalho e aos corpos e ao trabalho de seus filhos.

P. 191

(...) Uma vez que a as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos. Esta foi uma derrota histórica para as mulheres. Com sua expulsão dos ofícios e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminilizada. Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens.

P. 193

(...) a família surgiu no período de acumulação primitiva também como a instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento do trabalho das mulheres.

P. 195

Se é certo que os trabalhadores homens, sob o novo regime de trabalho assalariado [no século XVII], passaram a ser livres apenas num sentido formal, **o grupo de trabalhadores que, na transição para o capitalismo, mais se aproximou da condição de escravos foram as mulheres trabalhadoras.**

P. 195

Foi somente no século XIX (...) que a “família moderna”, centrada no trabalho reprodutivo, em tempo integral e não remunerado da dona de casa, se generalizou entre a classe trabalhadora.

P. 196

Nos séculos XVI e XVII (...) o grosso do trabalho reprodutivo realizado pelas proletárias não estava destinado às suas famílias, mas às famílias de seus empregadores, ou, então,

ao mercado. Em média, um terço da população feminina de Inglaterra, Espanha, França e Itália trabalhava como criada.

P. 197

P. 198

Ao longo desta primeira fase de proletarização, era a prostituta que realizava com maior frequência as funções de esposa para os trabalhadores homens, cozinhando e limpando para eles, além de servir-lhes sexualmente. Ademais, a criminalização da prostituição – que castigou a mulher, mas quase não teve efeitos sobre seus clientes homens – reforçou o poder masculino. Qualquer homem podia, agora, destruir uma mulher simplesmente declarando que ela era uma prostituta ou dizendo publicamente que ela havia cedido a seus desejos sexuais. **As mulheres teriam que suplicar aos homens “que não lhes tirassem a honra”, a única propriedade que lhes restava**, já que suas vidas estavam agora nas mãos dos homens, que, como os senhores feudais, podiam exercer sobre elas um poder de vida ou morte.

P. 199

P. 200

As mulheres não poderiam ter sido totalmente desvalorizadas enquanto trabalhadoras e privadas de toda sua autonomia com relação aos homens se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social; e, de fato, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam terreno em todas as áreas da vida social. (...) Aqui, nesse período, é possível observar uma constante erosão dos direitos das mulheres. Um dos direitos mais importantes que as mulheres perderam foi o de realizar atividades econômicas por conta própria. (...) além da desvalorização econômica e social, as mulheres experimentaram um processo de infantilização legal.

P. 200

Nos países mediterrâneos, as mulheres foram expulsas não apenas de muitos trabalhos assalariados, como também das

ruas, onde uma mulher desacompanhada corria o risco de ser ridicularizada ou atacada sexualmente.

P. 202

(...) foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais, luxuriosas, incapazes de se governar – e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. (...) o consenso sobre esta questão atravessava as divisões religiosas e intelectuais. Do púlpito ou por meio da escrita, humanistas, reformadores protestantes e contrarreformadores católicos, todos cooperaram constante e obsessivamente com o aviltamento das mulheres.

P. 202

As mulheres eram acusadas de serem pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém a principal vilã era a esposa desobediente, que ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas. (...) O castigo da insubordinação feminina à autoridade patriarcal foi evocado e celebrado em inúmeras obras de teatro e panfletos.

P. 202

P. 203

No mesmo período, foram introduzidas novas leis e novas formas de tortura destinadas a controlar o comportamento das mulheres dentro e fora de casa, o que, confirma que o vilipêndio literário das mulheres expressava um projeto político preciso com o objetivo de deixá-las sem autonomia nem poder social. Na Europa da Era da Razão **eram colocadas focinheiras nas mulheres acusadas de serem desbocadas, como se fossem cães**, e elas eram exibidas pelas ruas; **as prostitutas eram açoitadas ou enjauladas e submetidas a simulações de afogamentos**, ao passo que se instaurava a pena de morte para mulheres condenadas por adultério.

P. 203

Na Europa, o ataque contra as mulheres justificou a apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução. O preço da resistência era sempre o extermínio.

P. 205

(...) a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, de relações coletivas e de sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo.

P. 205

(...) surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas.

P. 205

(...) no século XVIII o cânone foi revertido. Agora as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. Até mesmo sua irracionalidade podia ser valorizada.

P. 222

(...) uma das armas que os religiosos usaram foi insinuar que as mulheres independentes demais, que não obedeciam a seus maridos, eram criaturas do demônio.

P. 232

(...) a construção de uma nova ordem patriarcal, que tornava as mulheres servas da força de trabalho masculina, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do capitalismo.

P. 232

(...) a diferença entre mulheres e homens e o ocultamento do trabalho não remunerado das mulheres por trás do disfarce da inferioridade natural permitiram ao capitalismo ampliar imensamente “a parte não remunerada do dia de trabalho” e usar o salário (masculino) para acumular trabalho feminino.

Em muitos casos, serviram também para desviar o antagonismo de classe para um antagonismo entre homens e mulheres.

P. 234

(...) os trabalhadores homens foram, frequentemente, cúmplices deste processo, tendo em vista que tentaram manter seu poder com relação ao capital por meio da desvalorização e da disciplina das mulheres, das crianças e das populações colonizadas pela classe capitalista.

P. 288

Ditado francês do século XVIII sobre as mulheres

UM ANIMAL IMPERFEITO, SEM FÉ, SEM LEI, SEM MEDO, SEM CONSISTÊNCIA.

P. 290

O fato de que a maior arte das vítimas [da caça às bruxas] na Europa tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação ao genocídio; **uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira**, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore.

P. 291

Os exemplos da misoginia que inspirou a abordagem acadêmica da caça às bruxas são abundantes. Como apontou Mary Daly já em 1978, boa parte da literatura sobre este tema foi escrita de “um ponto de vista favorável à execução das mulheres”, o que desacredita as vítimas da sua perseguição, **retratando-as como fracassos sociais** (mulheres “desonradas” ou frustradas no amor) ou até mesmo como pervertidas que se divertiam zombando de seus perseguidores masculinos com suas fantasias sexuais.

P. 291

P. 292

As feministas reconheceram rapidamente **que centenas de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder**. Também se deram conta de que **essa guerra contra as mulheres, que**

se manteve por um período de pelo menos dois séculos, constituiu um ponto decisivo na história das mulheres na Europa, o “pecado original” no processo de degradação que as mulheres sofreram com a chegada do capitalismo, o que o conforma, portanto, como um fenômeno ao qual devemos retornar de forma reiterada se quisermos compreender a misoginia que ainda caracteriza a prática institucional e as relações entre homens e mulheres.

P. 292

P. 293

Ao contrário das feministas, os historiadores marxistas, salvo raras exceções (...) relegaram a caça às bruxas ao esquecimento, como se carecesse de relevância para a história da luta de classes. As dimensões do massacre deveriam, entretanto, ter levantado algumas suspeitas: em menos de dois séculos, centenas de milhares de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas. Deveria parecer significativo o fato de a caça às bruxas ter sido contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação das Leis Sangrentas contra vagabundos e mendigos, e de ter chegado ao seu ponto culminante no interregno entre o fim do feudalismo e a “guinada” capitalista.

P. 293

Aproximadamente 200 mil mulheres foram acusadas de bruxaria em um lapso de três séculos (...) ao menos 100 mil mulheres foram assassinadas (...) as que escaparam foram “arruinadas para toda a vida”, já que, uma vez acusadas, “a suspeita e a hostilidade as perseguiram até a cova”.

P. 294

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social.

P. 304

Como dar conta do fato de que, durante mais de dois séculos, em distintos países europeus, centenas de milha-

res de mulheres tenham sido julgadas, torturadas, queimadas vivas ou enforcadas, acusadas de terem vendido seu corpo e sua alma ao demônio e, por meios mágicos, assassinado inúmeras crianças, sugado seu sangue, fabricado poções com sua carne, causado a morte de seus vizinhos, destruído gado e cultivos, provocado tempestades e realizado muitas outras abominações? **(De todo modo, ainda hoje, alguns historiadores nos pedem que acreditemos que a caça às bruxas foi completamente razoável no contexto da estrutura de crenças da época!)**

P. 305
P. 306

A caça às bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos.

P. 323

A diferença mais importante entre a heresia e a bruxaria é que esta última era considerada um crime feminino. (...) O fato de que a figura da bruxa fosse uma mulher também era enfatizado pelos demonólogos, que se regozijavam por Deus ter livrado os homens de tamanho flagelo.

P. 324

No século XVII as bruxas foram acusadas de conspirar para destruir a potência geradora dos humanos e animais, de praticar abortos e de pertencer a uma seita infanticida dedicada a assassinar crianças ou ofertá ao demônio. (...) a bruxa começou a ser associada à imagem de uma velha luxuriosa, hostil à vida nova, que se alimentava de carne infantil ou usava os corpos das crianças para fazer suas poções mágicas – um estereótipo que, mais tarde, seria popularizado pelos livros infantis.

P. 324
P. 325

(...) por que, no transcurso de um século, os hereges tornaram-se mulheres e por que a transgressão religiosa e social foi redefinida como, predominantemente, um crime reprodutivo?

P. 326

(...) parece plausível que a caça às bruxas tenha sido, pelo menos em parte, uma tentativa de criminalizar o controle

da natalidade e de colocar o corpo feminino – o útero – a serviço do aumento da população e da acumulação da força de trabalho.

P. 331

A caça às bruxas destruiu os métodos que as mulheres utilizavam para controlar a procriação, posto que eles eram denunciados como instrumentos diabólicos, e institucionalizou o controle do Estado sobre o corpo feminino, o principal pré-requisito para sua subordinação à reprodução da força de trabalho.

P. 332

Todavia, a bruxa não era só a parteira, a mulher que evitava a maternidade ou a mendiga que, a duras penas, ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua – a prostituta ou a adúltera e, em geral, a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso, **nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova de culpa.** A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura.

P. 333

(...) o sadismo sexual demonstrado durante as torturas às quais eram submetidas as acusadas revela uma misoginia sem paralelo na história e não pode ser justificado a partir de nenhum crime específico. (...) as acusadas eram depiladas completamente (se dizia que o demônio se escondia entre seus cabelos); depois eram furadas com longas agulhas por todo o corpo, inclusive na vagina, em busca do sinal com o qual o diabo supostamente marcava suas criaturas.

P. 334

A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas, que, em alguns casos, eram açoitadas em frente à fogueira na qual podiam ver a mãe ardendo viva.

(...) A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social.

P. 334

(...) foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade.

P. 335

Há também, no plano ideológico, uma estreita correspondência entre a imagem degradada da mulher, forjada pelos demonólogos, e a imagem da feminilidade construída pelos debates da época sobre a “natureza dos sexos”, que canonizava uma mulher estereotipada, fraca do corpo e da mente e biologicamente inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a nova ordem patriarcal.

P. 341

As mulheres não só foram acusadas de tornar os homens impotentes, mas também sua sexualidade foi transformada num objeto de temor.

P. 344

Para as mulheres, então, os séculos XVI e XVII inauguraram, de fato, uma era de repressão sexual. A censura e a proibição chegaram a definir efetivamente sua relação com a sexualidade.

P. 345

Podemos dizer que a produção da “mulher pervertida” foi o primeiro passo para a transformação da vis erótica feminina em *vis laborativa* – isto é, um primeiro passo na transformação da sexualidade feminina em trabalho.

P. 349

P. 350

A caça às bruxas não só condenou a sexualidade feminina como fonte de todo mal, mas também representou o principal veículo para levar a cabo uma ampla reestruturação da vida sexual, que, ajustada à nova disciplina capitalista do trabalho, criminalizava qualquer atividade sexual que ameaçasse a procriação e a transmissão da propriedade dentro da família ou que diminuísse o tempo e a energia disponíveis para o trabalho.

P. 335

Enquanto na Idade Média a prostituta e a bruxa foram consideradas figuras positivas, que realizavam um serviço social à comunidade, com a caça às bruxas adquiriram as conotações mais negativas, sendo rejeitadas como identidades femininas, possíveis e relacionadas fisicamente com a morte e, socialmente, com a criminalização.

P. 416

A caça às bruxas também ocorreu na África, onde sobrevive até hoje como um instrumento-chave de divisão em muitos países, especialmente naqueles que, em determinado momento, estiveram implicados em comércio de escravos, como a Nigéria e a África do Sul. Nessas regiões a caça às bruxas tem sido acompanhada pela perda de posição social das mulheres, provocada pela expansão do capitalismo e pela intensificação da luta pelos recursos naturais (...). Como consequência desta disputa de vida ou morte por recursos cada vez mais escassos, uma grande quantidade de mulheres – em sua maioria, idosas e pobres – foi perseguida durante a década de 1990 no norte da região sul-africana do Tranvaal, onde setenta delas acabaram queimadas nos primeiros quatro meses de 1994.

P. 417

(...) na África do Sul e no Brasil, mulheres idosas foram assassinadas por vizinhos e parentes sob a acusação de bruxaria.

SIMONE DE BEAUVOIR

TOMBO N. 108505

137

O segundo sexo: volume 1:
fatos e mitos, 2017 (1ª edição: 1949).

P. 09

P. 10

(...) dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.” Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada num fundo de céu platônico? E bastará uma saia fru-fru para fazê-la descer à Terra?

P. 11
P. 12

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa, a um tempo, o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos (...). **A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.**

P. 12
P. 13

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

P. 17

(...) **a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala;** os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e, ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. **Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta.**

P. 17

Além dos poderes concretos que possuem, [os homens] revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam.

P. 118

Mas (...) como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres poderiam ter sido

vitoriosas. (...) Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só agora as coisas começam a mudar?

P. 98

A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis porque, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata.

P. 100

P. 101

(...) na horda primitiva a sorte da mulher era muito dura; entre as fêmeas animais a função reprodutora é naturalmente limitada e, quando se efetua, o indivíduo é dispensado mais ou menos completamente de outras fadigas; somente as fêmeas domésticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais. (...) ninguém se dispõe a compensar as desvantagens cruéis que prejudicam a mulher, mas não se procura tampouco cerceá-la como acontecerá mais tarde em regime paternalista.

P. 110

P. 111

A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo, mas de sua fraqueza, que ela tirava seu prestígio; nela encarnavam-se os inquietantes mistérios naturais: o homem escapa de seu domínio quando se liberta da natureza. (...) Os povos que permaneceram sob a férula da Deusa-Mãe, aqueles entre os quais se perpetuou a filiação uterina, detiveram-se também num estágio de civilização primitiva. Isso porque a mulher só era venerada na medida em que o homem se fazia escravo de seus próprios temores, cúmplice de sua própria impotência. Era no terror e não no amor que ele lhe rendia um culto.

P. 112

P. 113

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso, nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na

Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. (...) "Os homens fazem os deuses, as mulheres adoram-nos" (...). O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.

P. 113

Nela [na mulher], o homem não reconheceu um semelhante porque ela não partilhava sua maneira de trabalhar e de pensar, porque continuava escravizada aos mistérios da vida. (...) A vontade masculina de expansão e domínio transformou a incapacidade feminina em maldição. O homem quis esgotar as novas possibilidades oferecidas pelas novas técnicas; apelou para uma mão de obra servil, reduziu seu semelhante à escravidão. Sendo o trabalho dos escravos bem mais eficiente do que da mulher, esta perdeu o papel econômico que desempenhou na tribo.

P. 118

Destronada pelo advento da propriedade privada, é a ela que o destino da mulher permanece ligado durante os séculos (...). O homem não aceitara partilhar com a mulher nem os seus bens, nem os seus filhos. (...) no momento em que o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos à detenção e a transmissão dos bens. (...) No regime estritamente patriarcal, o pai pode condenar à morte, já ao nascerem, os filhos ou filhas (...) todo recém-nascido masculino normalmente constituído tem o direito de viver, ao passo que o costume de abandonar as meninas era muito comum. (...) Aceitar a criança do sexo feminino era um ato de livre generosidade por parte do pai; **a mulher só entra nessas sociedades por uma espécie de graça que lhe é outorgada, e não por legitimidade, como o homem.**

P. 171

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor. (...) durante séculos não se regulamentou a fecundidade feminina. Existem, desde a Antiguidade, práticas anticoncepcionais destinadas à mulher (...). Mas a Idade

Média ignorou-as; até o século XVIII não se encontra vestígio disso. Para muitas mulheres, a vida era então uma série ininterrupta de partos (...).

SIMONE DE BEAUVOIR

P. 11

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

P. 11
P. 12

Até os 12 anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada.

P. 27

A menina constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam; relatos ouvidos, livros lidos, toda a sua pequena experiência o confirma; encorajam-na a encantar-se com essas riquezas futuras, dão-lhe bonecas para que tais riquezas assumam desde logo um aspecto tangível. Sua “vocação” é imperiosamente ditada a ela.

P. 553

A mulher não é vítima de nenhuma fatalidade misteriosa; as singularidades que a especificam tiram sua importância da significação de que se revestem; poderão ser superadas desde que as apreendam de perspectivas novas; vimos que através de sua experiência erótica a mulher sente – e muitas vezes detesta – o domínio do homem: disso não se deve concluir que seus ovários a condenem a viver eternamente de joelhos diante dele. A agressividade viril só se apresenta como um privilégio senhorial no seio de um sistema que por inteiro conspira em afirmar a soberania masculina (...).

O segundo sexo: volume 2:
a experiência, 2017 (1ª edição: 1949).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maira. **Feminismo no exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris**. São Paulo: Alameda, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: volume 1: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: volume 2: a experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (org.). **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: Edusp, 2019.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FANINI, Michele Asmar. **A (in)visibilidade de um legado — seleta de textos dramáticos inéditos de Júlia Lopes de Almeida**. São Paulo: Intermeios, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LARA, Bruna de. et al. **#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

RIBEIRO, Djamil. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAORNIL, Lucía Sánchez. **A questão feminina em nossos meios**. Santiago do Chile, São Paulo: Eleuterio/Terra Livre, 2015.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios**. São Paulo: Boitempo, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Alameda, 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOLEDO, Cecília; SAGRA, Alicia. **Gênero e classe**. São Paulo: Sundermann, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



BIBLIOTECA
MÁRCIA DE ANDRADE

